



UC/FPCE_2010

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Qualidade de vida e *Coping* ao Longo do Ciclo Vital da Família

Joana Cabral Vaz (e-mail: joana_vaz@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde, sub-área de especialização em Sistémica, Saúde e Família, sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Relvas

Qualidade de Vida e *Coping* ao Longo do Ciclo Vital da Família

Resumo: O presente estudo tem por objectivo analisar a qualidade de vida e o *coping* do sistema familiar ao longo das etapas do seu ciclo vital, tal como são avaliados pelos respectivos questionários Qualidade de Vida (QOL) e Escala de Avaliação Pessoal Orientada para Crise em Família (F-COPES). Para tal, baseamo-nos numa amostra de 316 sujeitos, com idades compreendidas entre os 20 e os 79 anos, residentes em Portugal Continental. Verificámos que a percepção da qualidade de vida global e da utilização do *coping* familiar, a nível total e das várias componentes, varia consoante as tarefas e crises associadas às sete etapas do percurso familiar, para além desta relação sofrer a influência do nível sócio-económico, zona de residência e estrutura familiar (formas de família) dos sujeitos, no que diz respeito à qualidade de vida. Não se verificou o efeito mediador da variável “sexo” na relação mencionada nem nas variáveis dependentes.

Palavras chave: Família, qualidade de vida, *coping*, etapa do ciclo vital

Quality of life and *Coping* across Family Life Cycle

Abstract: The purpose of this study is to analyse the quality of life and the *coping* of the family system across the stages of the life cycle, as they are evaluated by the questionnaires Qualidade de Vida (QOL) and Escala de Avaliação Pessoal Orientada para Crise em Família (F-COPES). To accomplish this purpose, we have based ourselves on a sample of 316 people, from 20 to 79 years old, residents in Portugal. We ascertained that the perception of the quality of the global life and the usage of the family *coping*, on a total level and on its several components, changes according to the tasks and crisis associated with the seven stages of the family pathway, and this relation also suffers the influence of the subjects social-economical level, place of residence and family structure (types of family), in what their quality of life is concerned. It was not verified the mediator effect of the “sex” variable on the mentioned relation nor in the dependent variables.

Key Words: Family, quality of life, *coping*, stages of the vital cycle

Agradecimentos

À distinta presença e orientação da Professora Doutora Ana Paula Relvas em todos os momentos deste percurso de aprendizagem e crescimento.

Ao Professor José Tomás da Silva pela sua disponibilidade e ajuda.

Ao apoio incondicional dos meus pais que ao longo de toda a vida tem sustentado as minhas lutas e amparado as minhas quedas. Foi ele que me trouxe até aqui.

À minha avó Cândida, que me deu a mão nos meus primeiros passos e continua a estar presente em todos os saltos.

Ao Nuno, pelo equilíbrio, compreensão, tolerância e genuíno afecto.

Ao resto da minha família que, apesar da distância que muitas vezes nos separa, manteve o seu apoio sempre presente.

Ao amor de todos eles que me permitiu crescer e atingir todas as metas.

A vocês, Joana e Susana, com quem partilhei os sabores e dissabores da vida e me acompanharam nas passagens mais difíceis deste percurso.

Índice

Introdução	1
I - Enquadramento conceptual (revisão da literatura)	1
II – Objectivos	13
III – Metodologia	15
3.1. Caracterização da amostra	16
3.2. Instrumentos	17
3.2.1. Questionário de dados sócio-demográficos	18
3.2.2. Qualidade de Vida	18
3.2.3. Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para Crise em Família (F-COPES)	19
3.3. Procedimentos	20
3.3.1. Recolha e selecção da amostra	20
3.3.2. Procedimentos estatísticos	21
IV – Resultados	23
4.1. Qualidade de Vida	23
4.2. Estratégias de Coping Familiar	28
V – Discussão	30
5.1. Qualidade de Vida	30
5.2. Estratégias de Coping Familiar	33
VI – Conclusão	35
Bibliografia	37
Anexos	41

Introdução

O modo como o desenvolvimento vital da família é vivenciado por cada um dos seus membros, tem vindo a assumir cada vez mais relevância ao longo dos vários anos de investigação nesta área. Contudo, contamos ainda com uma escassez de estudos realizados com as famílias portuguesas que têm vindo a ser alvo de mutações transgeracionais.

Se pensarmos na evolução da sociedade moderna ocidental e no modo como conduziu a profundas alterações de ordem social, política, económica, cultural e, até mesmo, psicobiológica, certamente nos deparamos com algumas questões que nos remetem para a conseqüente repercussão nas dinâmicas familiares dos portugueses.

Assim, dando continuidade à investigação que tem vindo a ser desenvolvido no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, Sistémica, Saúde e Família, em torno da Qualidade de Vida e *Coping* Familiar, procuramos perceber de que modo as nossas famílias se organizam em função das tarefas desenvolvimentais inerentes a cada etapa do seu percurso.

I – Enquadramento conceptual

A unidade familiar, a par do desenvolvimento individual, assume um conjunto de tarefas e responsabilidades oriundas da sua própria estrutura, papéis e regras. Acontecimentos familiares como o casamento ou a parentalidade exigem uma reorganização e adaptação familiares; impõem novas responsabilidades, abrem novas oportunidades e colocam novos desafios à unidade familiar (Olson et al., 1983).

Considerando que as necessidades de desenvolvimento das famílias vão-se alterando consoante os filhos nascem, crescem e saem da casa paterna, e, tendo por base a fundamentação teórica e metodológica do trabalho pioneiro de Reuben Hill (1949 *in* Olson et al., 1983), Olson e colaboradores (1983) descrevem as várias etapas do ciclo de vida familiar a partir do proposto por Hill e Rodgers (1964 *in* Olson et al., 1983). Os diferentes estádios são definidos em função da presença e idade do filho mais velho no agregado familiar, permitindo, dessa forma, estabelecer sete etapas: “jovem casal sem filhos”, “família com filhos pequenos e família com filhos em idade pré-escolar”, “família com filhos em idade escolar”, “família com filhos adolescentes”, “família lançadora”, “etapa do ninho vazio”, “família na reforma” (Olson et al., 1983).

Tal categorização pretende perspectivar as flutuações normativas do sistema familiar, tendo em conta a fase em que se estabeleça, manifestada “numa sequência previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas bem definidas; a essa sequência dá-se o nome de ciclo vital e essas tarefas caracterizam as suas etapas” (Relvas, 1996).

Muitas transições são “normais”, no sentido em que se espera que elas aconteçam ao longo do percurso de vida. O seu denominador comum é o facto de implicarem um período de transição marcado por sentimentos,

muitas vezes ambivalentes, de incerteza, satisfação, pesar, ansiedade, realização, insegurança que envolvem um processo de ajustamento, reorganização, consolidação e adaptação (McCubbin & Patterson, 1982 in Olson et al., 1983).

Stress, Coping e Qualidade de Vida Familiares: Projecto de Investigação

O presente trabalho de investigação, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Universidade de Coimbra, na Área Sistemática, Saúde e Família, sobre Stress, Coping e Qualidade de Vida Familiar, surge no sentido de dar continuidade e profundidade ao projecto de investigação levado a cabo pelos alunos finalistas nos anos lectivos de 2006 a 2009. Do histórico deste projecto destacam-se os trabalhos desenvolvidos por Vilaça (2007), Marques (2008) e Coutinho (2008), assim como os estudos de validação e aferição para a população portuguesa dos instrumentos utilizados, de entre os quais, o *Quality of Life - QOL* (Simões, 2008) e o *Family Crises Oriented Personal Scales - F-COPES* (Martins, 2008).

O F-COPES tem por objectivo a avaliação e compreensão das estratégias de *coping* interno e externo utilizadas pelas famílias em situação de *stress*. Assim, os padrões/estratégias de *coping* interno, dizem respeito à utilização dos recursos existentes na própria família, e englobam o reenquadramento¹ e a avaliação passiva²; e padrões/estratégias de *coping* externo focam-se no contexto social envolvente e incluem a aquisição de apoio social³ e formal⁴ e o apoio espiritual⁵.

O Questionário de Qualidade de Vida (QOL) tem como objectivo medir o grau de satisfação com cada uma das dimensões de qualidade de vida que avaliam: Casamento e Vida Familiar, Amigos, Saúde, Casa, Espaço, Educação, Tempo, Religião, Emprego, *Mass Media*, Rendimento, e Vizinhaça e Comunidade.

Os trabalhos de Vilaça (2007), Marques (2008) e Coutinho (2008), descritos seguidamente, foram desenvolvidos a partir de uma amostra com características particulares e, portanto, não representativa, o que acarreta

¹ Nova leitura do evento stressante e construção de novos significados que permitem agilizar a situação, conferindo à família um maior controlo e sentido de coerência.

² Conformidade perante a actual condição, aceitação do problema e minimização da atitude face à situação perturbadora.

³ Inclui os recursos da rede social, os comportamentos de apoio e as valorizações subjectivas desse apoio, onde a rede primária assume grande relevância.

⁴ Baseia-se no acesso à ajuda técnico-profissional e no estabelecimento de ligações de carácter formal com objectivos funcionais específicos, onde a rede secundária assume um papel de destaque.

⁵ Caracteriza-se pela frequência de instituições ou encontros de natureza religiosa, procura de aconselhamento e/ou suporte emocional, actividades privadas ligadas à fé, e pela importância atribuída à religiosidade/espiritualidade.

algumas implicações específicas em termos clínicos, impedindo a generalização das suas conclusões para a população geral.

De acordo com os resultados do estudo de Vilaça (2007), a qualidade de vida subjectiva das famílias ao longo do ciclo de vida aumenta à medida que a vulnerabilidade ao *stress* diminui. A interferência do *coping* familiar nesta relação denuncia a existência de um equilíbrio entre as solicitações e as capacidades da família, suscitado pela activação dos recursos das famílias.

Assim, constatou-se que, ao longo do seu desenvolvimento, as famílias utilizam sensivelmente o mesmo número de estratégias de *coping*. De um modo geral, e uma vez que as últimas etapas foram consideradas como sendo as menos *stressantes*, “nas primeiras etapas da vida em família, onde a vulnerabilidade ao *stress* é superior, parece ser mais útil assumir uma postura mais activa, enquanto que nas etapas seguintes, a aceitação dos factos e uma menor reactividade parecem ser as respostas mais válidas”, recorrendo, preferencialmente, à estratégia *Avaliação Passiva*. Ainda assim, “são utilizados mais recursos na etapa famílias com filhos em idade escolar que, por sua vez parece ser a fase em que os seus recursos são mais necessários”, dado que se verifica uma maior vulnerabilidade ao *stress*. O equilíbrio entre vulnerabilidade ao *stress* e utilização das estratégias de *coping* é manifesto apenas nesta etapa (Vilaça, 2007).

Por outro lado, é nas “famílias com filhos pequenos” que as estratégias de *coping* utilizadas aumentam a relação entre vulnerabilidade ao *stress* e qualidade de vida subjectiva, evidenciando o facto da activação de recursos nesta fase ser um elemento fulcral. Pelo contrário, na primeira etapa do ciclo vital os casais relevam níveis baixos de activação de recursos, apesar de sujeitos a uma diversidade de desafios (Vilaça, 2007).

Por sua vez, nestes estudos realizados, como já foi referido, com amostras de populações com dificuldades específicas, nomeadamente de doença crónica, as famílias revelaram uma qualidade de vida superior nas etapas “famílias com filhos pequenos” e “famílias na reforma”, e inferior na fase “jovem casal sem filhos”. Verifica-se um aumento da qualidade de vida subjectiva das famílias à medida que a vulnerabilidade ao *stress* diminuiu e que a activação dos recursos aumenta, sugerindo uma relação entre vulnerabilidade ao *stress* e qualidade de vida (apesar de ser uma relação muito fraca) e a interferência das estratégias de *coping* nesta relação (Vilaça, 2007).

Por fim, é nas “famílias com filhos adolescentes” que sobressai a relação entre maior qualidade de vida subjectiva, mais recursos familiares e menor vulnerabilidade ao *stress*, evidenciando uma boa capacidade de adaptação familiar para fazer face aos desafios (Vilaça, 2007).

Relativamente aos resultados constatados por Marques (2008), a autora verificou que a qualidade de vida subjectiva atinge o seu auge na etapa “famílias com filhos pequenos” - assim como Vilaça (2007) - e os valores mais baixos na etapa “famílias lançadoras”. A justificação para estes resultados poderá recair sobre o facto de, actualmente, as famílias investirem muito no nascimento dos filhos, sendo estes muito desejados e fruto de um processo que se reveste de um grande planeamento e ponderação (Marques,

2008).

Tendo em conta o tipo de estrutura familiar, a autora concluiu que a qualidade de vida é percebida como mais elevada nas famílias reconstituídas, seguida das monoparentais, nucleares intactas e, por fim, pós-divórcio. Tais resultados contrariam e desmistificam o mito “família nuclear natural e intacta” como modelo ideal de vivência familiar. Especificando as várias dimensões avaliadas pela autora, conclui-se que a qualidade de vida referente ao “tempo”, “vizinhança e comunidade”, “mass-media” e “família e conjugalidade” é percebida como mais elevada nas famílias reconstituídas; ao passo que na dimensão “casa” são as famílias monoparentais que manifestam maior qualidade de vida (Marques, 2008).

Também o nível sócio-económico parece interferir na qualidade de vida subjectiva: um nível baixo corresponde à percepção de uma menor qualidade de vida das famílias, enquanto que um nível elevado corresponde a uma maior qualidade de vida, principalmente ao nível das relações sociais e saúde (acesso aos serviços médicos), família e conjugalidade, financeiro, tempo e educação (Marques, 2008).

Paralelamente, Coutinho (2008) propôs-se a avaliar a utilização das diferentes estratégias de coping em função do ciclo vital da família. As suas conclusões vão, em parte, de encontro às referidas por Vilaça (2007), ao verificar que é na etapa “casal sem filhos” que se recorre a um menor número de estratégias, contrariamente à penúltima etapa “ninho vazio” onde se constataram os valores mais elevados. Mais concretamente, a autora concluiu que o recurso ao *Reenquadramento* é principalmente activo nas três primeiras etapas, enquanto que o *Apoio Espiritual* é preferencialmente utilizado nas duas últimas etapas e, curiosamente, na etapa “famílias com filhos adolescentes”, contrariamente às duas primeiras onde se recorre menos a esta estratégia de *coping*.

A análise de Coutinho (2008) também recaiu sobre a influência das diferentes estruturas familiares, analisando o modo como as quatro formas de família percebem o *coping* familiar. Verificou que as famílias reconstituídas são aquelas que manifestam menos utilização de recursos, diferenciando-se significativamente das famílias pós-divórcio e, ainda mais, das famílias nucleares intactas, sendo estas as que apresentam valores mais elevados. Por outro lado, o recurso ao *Reenquadramento* e ao *Apoio Espiritual* é preferencialmente mobilizado pelas famílias monoparentais e nucleares intactas, e a *Aquisição de Apoio Social* pelas famílias pós-divórcio e monoparentais

Por fim, a autora concluiu que as famílias de nível sócio-económico baixo activam um maior número de recursos, recorrendo principalmente à *Avaliação Passiva*; paralelamente as famílias de nível sócio-económico elevado valem-se mais do *Apoio Espiritual* e da *Aquisição de Apoio Social*, e menos do *Reenquadramento*, ao contrário daquelas de nível sócio-económico médio que recorrem preferencialmente a esta última estratégia.

No projecto de investigação intitulado “Families: what makes them work”, Olson e colaboradores (1983), também autores dos instrumentos

utilizados no estudo, procuraram captar a complexidade dos sistemas conjugal e familiar ao longo do ciclo de vida. Tendo em conta as considerações mais relevantes para o presente trabalho, os autores concluíram que a percepção da qualidade de vida começa relativamente baixa e aumenta gradualmente, atingindo o seu ponto mais alto nos estádios de “ninho vazio” e “famílias na reforma”. Por outro lado, há uma queda na satisfação dos maridos no Estádio 4 (“família com filhos adolescentes”) e na satisfação das mulheres no Estádio 5 (“família lançadora”).

A etapa designada “família com filhos adolescentes” foi considerada pelos autores como um dos estádios em que se verifica menor qualidade de vida e uma maior vulnerabilidade ao *stress* (Olson et al., 1983).

No referido estudo verificou-se que as famílias satisfeitas são aquelas que utilizam grande número de estratégias de *coping* e manifestam uma maior resistência ao *stress*. Assim, os casais que apresentavam “stress-baixo” aparentavam fazer um esforço em desenvolver boas práticas de saúde e ter uma apreciação positiva do seu casamento e qualidade de vida. Nomeadamente, parecem ser caracterizados como mais envolvidos em promover acordo familiar e sentirem-se satisfeitos com a sua gestão financeira familiar, comunicação, personalidade do cônjuge, e suas actividades de lazer; tendendo, também, a desenvolver melhores práticas de saúde. Deste modo, considera-se que os casais que experienciam baixo *stress* têm certos recursos que usam mais frequentemente que os casais de “*stress*-alto” (Olson et al., 1983).

No que concerne à variação da frequência dos recursos familiares em função das várias etapas de desenvolvimento familiar, os mesmos autores consideram que a utilização da estratégia “avaliação passiva” foi menos útil nas primeiras fases do que nas últimas. Faz sentido que os casais mais velhos estejam menos preocupados e aceitem melhor o facto de que a resolução dos problemas venha a acontecer naturalmente ao longo do tempo. Do mesmo modo, a estratégia de “procurar suporte espiritual” é mais relevante para os casais mais velhos do que para os novos. Muito embora as famílias mais velhas utilizem esta estratégia com maior frequência, torna-se interessante notar um ligeiro e repentino decréscimo na fase “famílias lançadoras”. É possível que os recursos espirituais sejam menos úteis para lidar com os problemas típicos desta fase, tal como a saída das crianças de casa, cuidar da geração mais velha, e dificuldades financeiras acrescidas. Relativamente à estratégia “adquirir apoio social”, atinge o ponto mais baixo na fase de “família lançadora” e retorna a um uso mais elevado durante as fases do ninho vazio e reforma. O recurso à estratégia “mobilização de apoio formal” demonstrou ser mais elevado durante as duas últimas fases do ciclo de vida. Tal facto pode dever-se às preocupações crescentes em relação à saúde quando o casal chega à velhice (Olson et al., 1983).

As conclusões de Olson e Col. foram, de certo modo, divergentes das verificadas no âmbito da investigação portuguesa. As principais diferenças encontram-se ao nível de um aumento gradual da qualidade de vida subjectiva, descrito por Olson e Col., ao contrário do constatado por Vilaça (2008), que, apesar de referenciar a última etapa como aquela onde se

verificam os segundos valores mais altos, destacou, assim como Marques (2008), a segunda etapa como aquela onde se verificam valores mais elevados.

Por outro lado, Olson e Col. (1983) consideraram a etapa “famílias com filhos adolescentes” como sendo aquela onde a percepção da qualidade de vida é mais baixa e que acarreta maiores níveis de stress. Tais conclusões são, em certa medida, corroboradas por Vilaça (2008) que verificou nesta etapa os segundos valores mais baixos relativamente à qualidade de vida subjectiva, apesar de não a associar a níveis elevados de vulnerabilidade ao stress. Pelo contrário, foi na referida etapa que Marques (2008) observou os segundos valores mais elevados, no que diz respeito à percepção da qualidade de vida.

No que diz respeito às estratégias de *coping* utilizadas, as conclusões de Olson e Col. (1983) e Vilaça (2007) apontam no mesmo sentido no que diz respeito à utilização da estratégia *Reenquadramento*, ao verificarem que não varia sinificativamente ao longo do ciclo vital familiar. Contudo, os resultados de Coutinho (2008) contrariam esta tendência, ao revelarem uma diminuição progressiva do recurso a esta estratégia com o avanço da idade. Porém, os três autores entram em concordância no que diz respeito à procura de Apoio Espiritual, principalmente verificada nas duas últimas etapas do ciclo vital.

Qualidade de Vida e Estratégias de Coping Familiares: Estudos Empíricos

Comparativamente com os autores até então referenciados, entendo ser pertinente destacar alguns estudos que expõem conclusões importantes acerca do modo como cada etapa é vivenciada. Apesar de não estabelecerem sequencialmente as etapas do ciclo vital familiar do modo como têm sido apresentadas até aqui, desenvolvem diferentes abordagens de clara importância e complemento para a presente investigação.

Estabelecendo uma análise acerca da percepção da qualidade familiar ao longo do ciclo de vida, Mercier, Péladeau & Tempier (1998), com uma amostra composta por 165 indivíduos com doença mental do Canadá, que responderam ao *Satisfaction with Life Domains Scale* (Baker & Intagliata, 1982 in Mercier, Péladeau & Tempier, 1998) e a um questionário composto por cinco questões abertas, concluíram, no sentido já apontado pelo estudo de Olson e colaboradores (1983), que a percepção de uma maior qualidade de vida tem tendência a aumentar com o avanço da idade. Segundo os autores, tais resultados são passíveis de ser generalizados para a restante população. De um modo geral, a população idosa expressa menos preocupações, menor desejo de mudança e menos projectos pessoais; enquanto que, a população mais jovem manifesta maior grau de insatisfação e mais preocupações, mas também mais desejo de mudança e projectos pessoais - as autoras destacam o papel das expectativas irrealistas nesta relação (Mercier, Péladeau & Tempier, 1998).

Por sua vez, Greeff (2000) desenvolveu um estudo com famílias sul-

africanas cujas diferentes etapas relativas ao ciclo de vida foram classificadas como “casal sem filhos”, “família onde o filho mais velho ainda não frequenta a escola”, “família com o filho adolescente mais velho em casa” e “família onde o filho mais velho já saiu de casa”. O autor recorreu a alguns instrumentos, também, utilizados no âmbito da presente investigação como o *F-COPES* e *Quality of Life*. A qualidade de vida subjectiva foi, igualmente, avaliada através de *Family Satisfaction Scale* (Olson & Wilson, 1985, in Greeff, 2000), o funcionamento familiar através de *Family Adaptability and Cohesion Scale* (FACES II), desenvolvido por Olson, Porter & Bell (1989, in Greeff, 2000), os recursos familiares pela *Family Strengths Scale* (Olson, Larsen & McCubbin, 1985 in Greeff, 2000) e as forças conjugais pela *Enriching and Nurturing Relationship Issues, Communications and Happiness Scale* (Olson, Fournier & Druckman, 1985, in Greeff, 2000).

Como principais conclusões, o autor constatou que os casais sem filhos manifestam elevado grau de adaptabilidade, contrariamente aos estudos anteriormente focados, e níveis elevados de satisfação relativamente ao tipo e qualidade de comunicação na relação conjugal, podendo relacionar-se com os altos valores de satisfação conjugal constatados por Olson et al. (1983) nesta etapa. Por sua vez, no último estágio foi onde o autor verificou maior grau de satisfação nas dimensões “qualidade de tempo”, “tempo de leitura” e “circunstâncias financeiras”, paralelamente a Vilaça (2007) que também referenciou as dimensões “tempo” e “bem-estar financeiro” como aquelas em que se verifica maior qualidade de vida na última etapa, acrescentando a dimensão “religião”.

As oscilações entre os vários períodos em que se promove o desenvolvimento familiar são marcadas, essencialmente, por movimentos centrípetos e centrífugos, enfatizando as experiências de vida, tais como nascimento ou doença, que exigem o fortalecimento e primazia dos relacionamentos e outras experiências, tais como iniciar a escola ou um novo emprego, que exigem um âmago de individualidade (Combrinck-Graham, 1985, in Carter & McGoldrick, 1995).

Assim, pressupõe-se que na etapa marcada pelo nascimento dos filhos, os elementos do sistema familiar estreitem os laços emocionais e estruturais, numa espiral relacional direccionada para o seu interior.

Um estudo desenvolvido por Miller e Sollie (1986), revelou que os casais que foram pais recentemente demonstram níveis elevados de *stress* o que, de acordo com McCubbin, Boss e Wilson (1978, cit in Miller e Sollie in Moos, 1986) deve pressupor estratégias de *coping* internas (adaptação e integração/coesão intra-familiares) e externas (suportes sociais e comunitários). Como em todas as etapas, é importante trabalhar as expectativas para, neste caso, se ajustarem à realidade das transformações que a parentalidade acarreta.

Os resultados obtidos por Olson e colaboradores (1983) abraçam estas conclusões, verificando que, seguidamente às fontes de *stress* de carácter financeiro (também oriundas dos desafios de gestão financeira que esta fase acarreta), na etapa “família com filhos pequenos” os principais *stressores*

enquadram-se nas dimensões *Intra-Familiar, Gravidez e Nascimento dos filhos e Trabalho-Família*.

De acordo com a realidade actual, ambos os progenitores desenvolvem carreiras paralelas e independentes, o que origina, muitas vezes, alguns desafios para o casal e para o sistema familiar (Baker, 2010). Também Velotti (2008) chama a atenção para a importância do suporte social aos novos pais, dado que acarreta influências positivas no desenvolvimento familiar, reduzindo o *stress* e promovendo o ajustamento funcional entre pais e filhos.

Na meta-análise levada a cabo por Twenge, Campbell & Foster (2003), concluiu-se que os casais com filhos manifestam satisfação conjugal inferior aos casais sem filhos, principalmente se o número de filhos for elevado. Tais resultados foram, também, constatados por Olson e colaboradores (1983), uma vez que verificaram maior satisfação conjugal na etapa “casais sem filhos”, em relação às quatro etapas subsequentes em que os filhos permanecem no lar parental. Por sua vez, as famílias, com ou sem filhos, de nível sócio-económico elevado expressam maior descontentamento ao nível da satisfação conjugal, relativamente às famílias de classe média.

Os movimentos centrífugos que caracterizam as etapas seguintes conduzem a um reajustamento dos limites do sistema face ao exterior. Nas fases marcadas pela saída de elementos do sistema familiar, quer seja motivado pelo “lançamento” dos filhos adolescentes ou pela morte do cônjuge, a abertura aos sistemas extra-familiares é tarefa essencial.

O final da adolescência e o início da vida adulta são caracterizados por importantes transições que envolvem o aumento da integração social em dois domínios específicos: ocupacional e relações românticas a par da formação de uma nova família (Cooksey & Rindfuss, 2001 *in* Bucx & Van Wel, 2008). Apesar das especificidades inerentes a esta fase, Bucx & Van Wel (2008), através de uma análise longitudinal iniciada em 1993, verificaram uma tendência para a qualidade da relação entre pais e filhos aumentar progressivamente conforme a idade destes se eleva. No entanto, alguns acontecimentos influenciam negativamente esta relação, nomeadamente quando os filhos saem de casa ou iniciam a parentalidade precocemente, e outros tornam-na particularmente positiva, como nas ocasiões em que os filhos, em idades mais tardias, saem de casa para viver sozinhos. Por sua vez, a qualidade da relação pais-filhos influencia as transições referentes ao ciclo de vida dos jovens, sendo que uma relação mais negativa promove uma independência mais prematura dos jovens adultos.

Contrariando a ideia predominante na literatura de que a saída de casa é um acontecimento que conduz, sobretudo, a efeitos negativos (conflito, *stress*), quer para os pais quer para os filhos, Sullivan & Sullivan (1980 *cit in* Fleming, 1993) afirmam que “a separação física deve ser um acto positivo de autonomia permitindo que filhos e pais exibam numa forma mais livre o afecto e a comunicação, sem medo de inibirem a luta pela autonomia”.

Contudo, tais considerações não são partilhadas por Olson e colaboradores (1983) nem por Vilaça (2007), uma vez que ambos constata-

que a etapa “família lançadora” é uma das que acarreta níveis mais elevados de stress e menor qualidade de vida subjectiva, sendo este último aspecto também encontrado por Marques (2008).

Paralelamente, Silveira & Wagner (2006) estabeleceram uma análise acerca das transformações inerentes às etapas intermédias do ciclo vital familiar, verificadas nos últimos anos. As autoras referem que, devido à conjuntura actual, os jovens permanecem até mais tarde em casa dos pais, uma vez que o lar parental oferece determinadas regalias que ajudam a fazer face aos desafios sócio-económicos (falta de emprego). Por outro lado, apesar de os pais tentarem cumprir as tarefas correspondentes às expectativas sociais desta etapa, incentivam à permanência do jovem em casa, talvez pela baixa qualidade de vida evidenciada neste etapa e indo, assim, de encontro ao proposto por Marques (2008), de que os pais têm dificuldades em lidar e em se adaptar à saída dos filhos de casa.

Através do trabalho elaborado pelas autoras, é possível concluir que nas famílias em que esta situação se verifica, o cumprimento das tarefas evolutivas está a ser arrastado ao longo do ciclo vital (re-categorização dos filhos como “adultescentes”). Deste modo, as autoras propõem a existência de uma nova organização familiar denominada de “ninho-cheio” (Silveira & Wagner, 2006).

Mais tarde, os adolescentes tornam-se jovens adultos e o sistema familiar passa a estar sujeito a novos reptos. A este propósito, Scabini e Cigoli (1997) chamam-nos a atenção para a paradoxalidade subjacente ao próprio termo “jovem adulto”: ser jovem implica ainda o decorrer de um processo de maturação, enquanto que ser adulto pressupõe que a maturação e crescimento da pessoa já esteja concluído

Então, como é vivenciada esta nova forma relacional onde coabitam duas gerações de adultos, invertendo as funções e papéis inerentes a cada uma que pressuponha a autonomia dos filhos e o desafio dos pais num “ninho vazio”?

Na revisão da literatura referente ao tema, e utilizando uma pesquisa multi-metodológica de nível qualitativo e quantitativo, Scabini e Cigoli (1997) concluíram que este fenómeno é vivido com grande satisfação e com elevado grau de adaptabilidade, quer por parte dos filhos quer dos pais, nas famílias italianas. Na opinião dos autores, tal situação é alimentada pelo conforto que o lar paterno proporciona aos filhos e pelo evitamento das responsabilidades e dificuldades inerentes à vida adulta, para além de se estabelecer uma relação entre gerações que, anteriormente, o estatuto de criança dos filhos não permitia, ao mesmo tempo que o facto de os filhos ainda viverem no lar paterno faz os pais sentirem-se mais jovens.

Tais considerações vão de encontro ao constatado pelos autores que estão na base da presente investigação, ao verificarem um aumento da percepção da qualidade de vida na etapa “ninho vazio”, relativamente à fase precedente. Destacam-se as conclusões de Olson e colaboradores (1983) que apontaram esta como sendo uma das etapas onde se percebe maior qualidade de vida.

Pelo contrário, em famílias anglo-saxónicas o fenómeno é inverso: os

níveis de satisfação diminuem ao longo do período de co-habitação e à medida que o grau de autonomia se eleva, melhor é a relação entre pais e filhos (Scabini e Cigoli, 1997).

Nesta sequência, importa salientar o papel da chamada “geração sanduíche”, onde o casal permanece com o papel orientador dos filhos, ao mesmo tempo que se debruça sobre as necessidades conjugais e procura estabelecer relações diferenciadas com as crianças e netos; por outro lado, mantém igualmente a prestação de cuidados à geração antecedente.

Um dos desafios normalmente inerentes a esta fase é, precisamente, a tarefa de cuidar dos idosos. Newman (1976 *cit in* Robinson e Thurner *in* Moos, 1986) faz referência ao facto do conflito interpessoal e das restrições ao nível da privacidade e de liberdade serem as maiores fontes de *stress* e de insatisfação para os adultos que têm de cuidar dos seus pais. De acordo com Robinson e Thurner (1986), nesta fase os adultos experienciam sentimentos muito antagónicos e ambivalentes e um elevado desgaste emocional, que resultam da observação do estado de progressiva deterioração dos pais idosos, principalmente quando se trata de doenças do foro psicológico.

No desenvolvimento de um estudo exploratório, Sousa et al. (2003) concluíram que, ao contrário daquilo que os mitos sócio-culturais perpetuam, a qualidade de vida e bem-estar da população idosa portuguesa é percebida, pelos próprios, como bastante elevada e que muitos idosos alcançam um envelhecimento bem sucedido. A elevada qualidade de vida nesta etapa fora, igualmente, constatada por Vilaça (2008), tal como já fora referenciado, principalmente nas dimensões *Tempo, Religião e Bem-Estar Financeiro*; do mesmo modo, Olson e colaboradores (1983) verificaram que ambos os cônjuges percebem esta etapa como sendo aquela onde se experiencia maior qualidade de vida.

Do mesmo modo, Fontaine (2000) faz referência a uma das principais investigações acerca da evolução da satisfação de viver ao longo da vida, desenvolvida por Cameron (1975) com uma amostra de 6000 sujeitos com idades compreendidas entre os 4 e 99 anos. A sua principal conclusão aponta para o facto de os idosos não terem uma satisfação de viver inferior à dos jovens, não descurando o facto de que é nas últimas etapas de vida que a variabilidade e heterogeneidade entre indivíduos parecem ser mais acentuadas.

Para além disso, Fontaine (2000) refere também que a qualidade de vida na reforma, o bem-estar subjectivo e a satisfação de viver dependem essencialmente de dois factores: manutenção das relações sociais e prática de actividades produtivas.

No que diz respeito ao *coping* na última fase do ciclo vital, Lewis, Edwards & Burton (2009) fazem referência a Hood et al. (1996) que sugerem que os mecanismos de coping relativos às práticas religiosas são frequentemente utilizados pelos idosos; o Koenig et al. (1990) e Koenig (2002) atestam também os benefícios do uso da religião enquanto estratégia de coping durante a velhice.

Influências estruturais e sócio-demográficas na percepção da qualidade de vida e coping familiares

Diversos estudos, apesar do seu foco de análise não incidir directamente sobre as etapas do ciclo vital familiar - tema que tem surgido como foco de análise até agora - são reveladores de certos factores que poderão interferir na forma como tais etapas são vivenciadas, afectando a percepção da qualidade de vida e o recurso a determinadas estratégias de *coping*.

Um primeiro aspecto a evidenciar é relativo às novas formas de família. As transformações sócio-culturais ocorridas nas últimas décadas conduziram a mudanças ao nível da estrutura familiar, exigindo um novo olhar sobre a forma como os diversos tipos de famílias percebem a qualidade de vida e recorrem a estratégias para lidar com os diversos desafios. O envelhecimento da população, mutações nos papéis femininos e masculinos, novos valores familiares, taxas mais elevadas de divórcio e de re-casamento, subida dos valores da coabitação, descida da fecundidade e o aumento da esperança de vida chamaram a atenção para a emergência de novas configurações domésticas. “Observa-se assim, em todos os países europeus, o aumento das pessoas sós, das famílias monoparentais e das famílias recompostas, a par da diminuição das famílias de casais com ou sem filhos (Wall, 2003) ”.

Os dados dos censos realizados em Portugal em 2001 vêm confirmar esta tendência: 17% do total das famílias são unipessoais. De facto, se no caso dos núcleos monoparentais e dos casais sem filhos se verifica simultaneamente um aumento em valores absoluto e relativo, no caso dos casais com filhos, apesar do aumento do valor absoluto, observou-se um decréscimo do seu valor relativo, passando de 60,9% para 56,7%, entre 1991 e 2001 (INE, 2002).

Neste âmbito, remetemos para o supracitado estudo de Marques (2008), que considerou que tanto as famílias reconstituídas como monoparentais, experienciam maior qualidade de vida que as famílias nucleares intactas, contrariando o estereótipo preferido pela sociedade actual que estipula este último tipo de família como modelo de funcionalidade e equilíbrio.

Numa reflexão crítica elaborada após a concretização dum estudo com uma amostra da população brasileira, Brito (2006) considerou que as novas formas de família enfrentam desafios e fontes de *stress* específicos, que os instrumentos direccionados para a avaliação de domínios como o *stress*, resiliência e vulnerabilidade não consideram, uma vez que estão apenas adequados para a família tradicional nuclear. Por outro lado, acrescenta que a competência ou resistência ao *stress* está relacionado com as expectativas e normas sociais. De acordo com a sua análise, as estratégias de resolução de problemas adoptadas pelas famílias estudadas extrapolam, muitas vezes, os limites dos recursos tradicionais familiares e encontram outras alternativas possíveis de resolução, dentro de contextos específicos (Brito, 2006).

Neste sentido, importa fazer referência às conclusões de Coutinho (2008), já referidas, que apresentam uma visão contrária à proferida por Brito (2006) ao mencionarem as famílias nucleares intactas como aquelas

que activam maior número de recursos, seguidas das famílias monoparentais, pós-divórcio e, por fim, reconstituídas. Segundo a autora, este facto poderá relacionar-se com os padrões familiares estáveis que uma família nuclear vai adquirindo e mantendo à medida que o tempo passa, acabando por deter no seu seio um leque abrangente de recursos de *coping*.

Por sua vez, Lansford, Ceballo, Abbey & Stewart (2001), partindo dos dados fornecidos pelo *National Survey of Families and Households* e procedendo à comparação da qualidade das relações e bem-estar familiar de cinco tipos de famílias diferentes, constaram que a estrutura familiar, por si só, não contribui para determinar tais dimensões, sendo os factores processuais mais relevantes neste sentido. Foram, no entanto, encontradas algumas variações. As mães em situação de monoparentalidade experienciavam um grau de satisfação um pouco inferior às mães casadas, apesar de as crianças não reportarem nenhuma diferença ao nível relacional e de bem-estar, relativamente às crianças nas outras formas de família. Nas famílias tradicionais os pais referiram que os seus filhos tinham menos problemas de comportamento, despendiam mais tempo na relação com estes e estabeleciam ligações mais coesas.

Um outro aspecto de destaque diz respeito aos factores de ordem sócio-económica. As famílias de classe económica baixa estão, normalmente, associadas a uma particularidade de problemas e desafios que as suas próprias condições de risco propiciam. Estas famílias carecem de recursos económicos suficientes para garantir as condições físicas, económicas e oportunidades de crescimento emocional a todos os seus membros, para além de que experienciam níveis elevados de stress e conflito (Orthner, Jones-Sanpei & Williamson, 2004).

No entanto, Orthner, Jones-Sanpei & Williamson (2004), num estudo composto por uma amostra de 373 sujeitos pertencentes a famílias de nível sócio-económico baixo, demonstraram que elas possuem uma série de estratégias e um grau de resiliência inacreditáveis para suportar todas as dificuldades evidenciando, principalmente, grande facilidade na resolução de problemas. No estudo levado a cabo pelos autores, verificou-se que as famílias desfavorecidas estabeleciam laços relacionais muito fortes entre os vários elementos e que as forças familiares internas promoviam o melhor desenvolvimento das crianças e uma resolução de problemas mais adequada. A estrutura familiar também se apresentou como um importante factor para o desenvolvimento funcional de todos os membros.

Indo de encontro a tais considerações, os resultados verificados por Coutinho (2008), descritos anteriormente, revelam, precisamente, a elevada activação de recursos levada a cabo pelas famílias de um nível sócio-económico baixo, relativamente às de nível sócio-económico médio e elevado. Paralelamente, Marques (2008) constatou que as famílias de um baixo nível sócio-económico percebem uma menor qualidade de vida, e vice-versa. Também Batista (2008), num estudo desenvolvido no âmbito da presente investigação, concluiu que as variáveis sócio-demográficas (entre elas nível sócio-económico e local de residência) têm um efeito no *coping* e qualidade de vida dos adolescentes.

Revelando conclusões divergentes, encontra-se o trabalho desenvolvido por Reis (2008), ao considerar que o nível sócio-económico dos jovens adultos e suas famílias, de uma amostra não representativa da população, não tem influência sobre a percepção da qualidade de vida.

Um último aspecto a salientar é referente à zona de residência, nomeadamente em meio urbano, predominantemente urbano, rural ou predominantemente rural. Reis (2008) verificou que a residência em meio urbano e predominantemente urbano proporcionava aos indivíduos uma maior qualidade de vida ao nível da vizinhança e comunidade. Contrariando estes resultados encontram-se as conclusões de Glasgow (2000) que, ao examinar as tendências demográficas relativas à população em análise e conduzindo uma revisão da literatura sobre o tema, constatou que a população idosa americana residente em zonas não metropolitanas recebe, normalmente, apoio do cônjuge ou de parentes mais próximos, enquanto que os que habitam em zonas metropolitanas coabitam com os filhos ou vivem próximos deles. Por sua vez, os idosos residentes em zonas rurais estabelecem laços relacionais mais fortes com os vizinhos e comunidade. Tais considerações levam-nos a concluir que, neste sentido, os idosos residentes em zonas rurais estabelecem laços relacionais mais fortes com os vizinhos e comunidade e que a população idosa residente nestas zonas experiencia uma maior qualidade de vida, dado que mais facilmente recebe apoio de familiares próximos.

Também Struthers & Bokemeier (2000), numa análise que procurou desvendar os mitos existentes em relação à vida nos meios rurais, revelam dados importantes neste âmbito, concluindo que não é menos stressante viver em meio rural. De acordo com os autores, a subsistência das famílias neste meio já não depende exclusivamente da actividade agrícola e, portanto, exige a sua deslocação para os grandes centros onde exercem actividades laborais. Por outro lado, estas populações encontram-se rigidamente estratificadas e a subsistência das famílias de uma classe social baixa é ainda mais difícil, uma vez que têm menos habilitações e os empregos que exercem são mal remunerados. As famílias de classe social superior manifestam maiores preocupações ao nível da privação dos filhos a actividades culturais e ao relacionamento com outras crianças e relativamente à distância e ao tempo que dispensam para se deslocarem até os centros urbanos.

No entanto, e apesar de todos estes desafios, as famílias em análise referiram preferir a “vida no campo” e beneficiar das vantagens que proporciona.

II - Objectivos

As conclusões apresentadas pelos estudos referenciados suscitam algumas questões que conduziram à necessidade do presente estudo.

Podemos hipotetizar que a qualidade de vida subjectiva tem tendência a aumentar progressivamente ao longo do desenvolvimento familiar, tal como foi verificado por Cameron (1975), Olson e Col (1983), Mercier, Péladeau &

Tempier (1998), Sousa et al (2000), ou que, pelo contrário, o seu auge verifica-se na etapa *família com filhos pequenos* (Vilaça, 2007; Marques, 2008)? Paralelamente, será na primeira etapa do ciclo vital que as famílias experienciam menor qualidade de vida (Vilaça, 2007) e utilizam menos recursos (Vilaça, 2007; Coutinho, 2008) ou será que a tendência é oposta, e os casais sem filhos manifestam valores elevados ao nível da qualidade de vida na relação conjugal (Olson et al, 1983; Greeff, 2000), gestão financeira, comunicação, lazer e práticas de saúde (Olson et al, 1983), devido às estratégias que utilizam no âmbito de tais dimensões familiares (Olson et al, 1983; Greeff, 2000)?

Por outro lado, será que os múltiplos desafios inerentes ao início da parentalidade e os consequentes movimentos centrípetos destas fases acarretam uma qualidade de vida inferior nestas famílias (Olson et al, 1983; Miller & Sollie, 1986; Twenge, Campbell & Foster, 2003)? E ainda, a qualidade de vida nas etapas seguintes da parentalidade, caracterizadas por movimentos centrífugos, será tendencialmente experienciada como mais elevada (Sullivan & Sullivan, 1980; Scabini & Cigoli, 1997) ou como mais inferior (Olson et al, 1983; Vilaça, 2007; Marques, 2008)?

Tendo em conta as transformações sócio-culturais das últimas décadas associadas a mudanças nas estruturas familiares, é expectável que a pertença a novas formas de família influencie a qualidade de vida subjectiva e o *coping* familiar ao longo das etapas do ciclo vital. Em que sentido se processa tendencialmente esta influência?

Relativamente às variáveis demográficas, poderemos pensar que o nível sócio-económico baixo dos sujeitos conduz a uma menor percepção da qualidade de vida familiar, tal como é sugerido por Marques (2008), apesar de utilizarem um maior número de estratégias de *coping* (Coutinho, 2008), ou será que a activação de tais recursos, ao longo do desenvolvimento familiar, permite suportar as dificuldades vivenciadas e conduzir a uma qualidade de vida mais elevada (Orther, Jones-Sanpei & Williamson, 2004)?

Por fim, a revisão da literatura conduz-nos a diferentes conclusões relativamente à influência da zona de residência, levando-nos a interrogar se as famílias residentes em meio rural, principalmente nas últimas etapas de vida, percebem uma qualidade de vida mais elevada (Glasgow, 2000), ou se tal acontece nas famílias nas zonas urbanas (Reis, 2008).

Partindo de todas estas questões, o presente trabalho de investigação tem por base os seguintes objectivos:

- a) Analisar o modo como as estratégias de *coping* familiar, são percebidas pelos sujeitos ao longo das diferentes etapas do ciclo vital.
- b) Analisar o modo como a qualidade de vida é percebida pelos sujeitos ao longo das diferentes etapas do ciclo vital.
- c) Avaliar o efeito mediador das diferentes formas de família na percepção das estratégias de *coping* e qualidade de vida familiares, em cada uma das etapas do ciclo de vida.
- e) Avaliar se as variáveis sócio-demográficas, (nível sócio-económico,

zona de residência e sexo), têm efeito mediador na forma como os sujeitos percebem a qualidade de vida e a utilização de estratégias de *coping* familiares, tendo em conta as várias etapas do ciclo vital em que se enquadram.

Nesta sequência, podemos operacionalizar as seguintes questões de investigação:

a) Como se diferenciam os sujeitos enquadrados nas sete etapas do ciclo vital familiar, segundo a categorização proposta por Olson e Col (1983), na forma como percebem a qualidade de vida familiar avaliada pelo QOL?

b) Será que o sexo dos sujeitos (feminino e masculino) influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

c) Será que o local de residência (predominantemente urbano, medianamente urbano e predominantemente rural) dos sujeitos influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

d) Será que o nível sócio-económico (baixo, médio e elevado) dos sujeitos influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

e) Será que a pertença a diferentes formas de família interfere na percepção da qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

f) Como se diferenciam os sujeitos enquadrados nas sete etapas do ciclo vital familiar, segundo a categorização proposta por Olson e Col (1983), na forma como percebem a utilização das estratégias de *coping* familiar avaliada pelo F-COPES?

g) Será que o sexo dos sujeitos (feminino e masculino) influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de *coping*, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

h) Será que o local de residência (predominantemente urbano, medianamente urbano e predominantemente rural) dos sujeitos influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de *coping*, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

i) Será que o nível sócio-económico (baixo, médio e elevado) dos sujeitos influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de *coping*, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

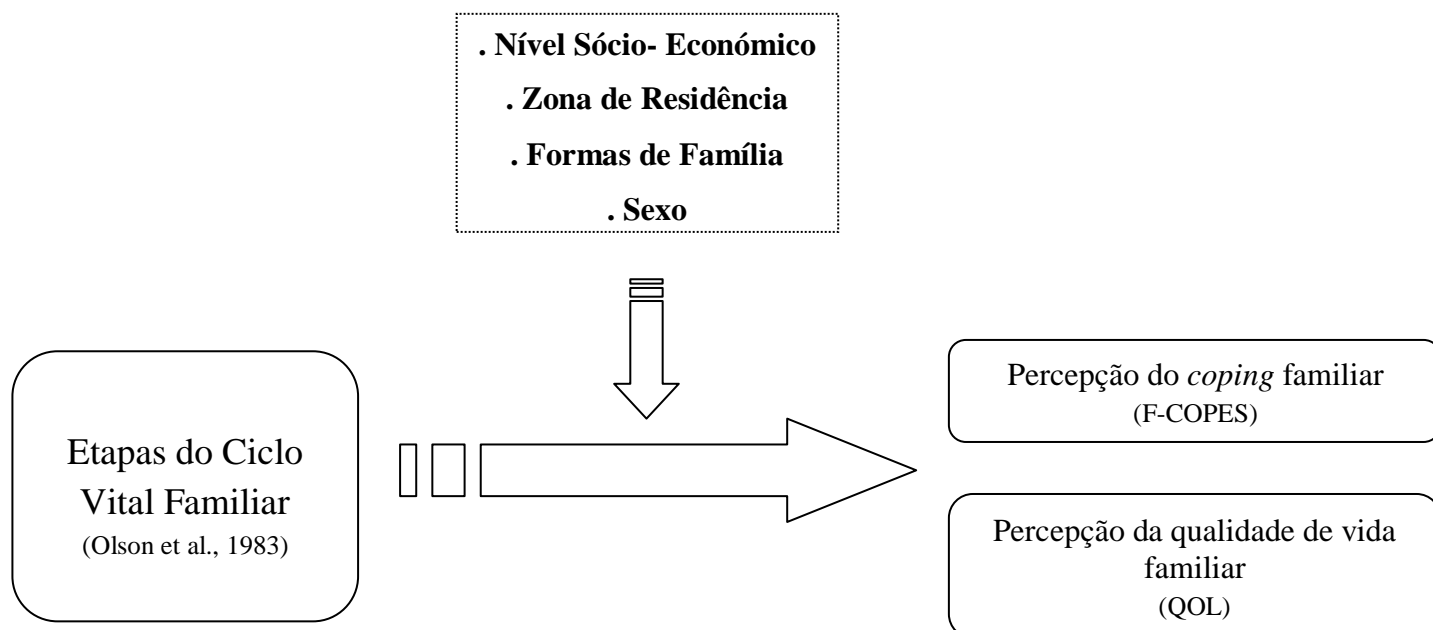
j) Será que a pertença a diferentes formas de família interfere na percepção da utilização das estratégias de *coping*, tal como é avaliada F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

III - Metodologia

Para atingir os objectivos propostos encetámos um estudo não experimental, inserido no âmbito de um projecto de investigação sobre

qualidade de vida, stress e *coping* familiares, constituída por uma equipa de investigação constituída por alunas e docentes do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, na sub-área de especialização em Sistémica, Saúde e Família.

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma base de dados formada por uma amostra de sujeitos recolhida nos anos lectivos de 2007/2008 e 2008/2009, que, tendo em conta as variáveis a correlacionar, foi submetida a diversas análises estatísticas, tendo por base o seguinte modelo conceptual:



3.1. Caracterização da amostra

A nossa amostra é constituída por 316 sujeitos da população geral com idades compreendidas entre os 20 e os 79 anos de idade ($M= 42,67$ anos; $DP=11,74$ anos), sendo 66,5% do sexo feminino e 33,5% do sexo masculino.

A nível estrutural, 79,4% das famílias que constituem a população da amostra são nucleares/intactas.

No que diz respeito à sua distribuição tendo em conta a etapa do ciclo vital familiar, verifica-se que uma maioria de 28,5% famílias, se encontra na etapa “Família lançadora” ($N= 90$). A restante população distribui-se de modo, mais ou menos, uniforme pelas restantes etapas “Casal sem filhos” (10,8%, $N=34$), “Família com filhos pequenos ou em Idade Pré-Escolar” (16,1%, $N=51$), “Família com filhos em idade escolar” (17,4%, $N=55$), “Família com filhos adolescentes” (14,6%, $N=46$) e “Ninho Vazio/Família na Reforma” (12%, $N=38$). No âmbito das variáveis sócio-demográficas, constata-se que a grande maioria dos sujeitos (61,1%) pertence ao nível sócio-económico médio e que 36,1% da população da amostra reside em

meio predominantemente urbano⁶ (Anexo I).

Tabela 1. Características gerais da amostra

Variável		N	%
Idade	20-30	49	15,5
	31-40	100	31,6
	41-50	96	30,4
	51-60	46	14,6
	61-70	18	5,7
	>71	7	2,2
Género	Masculino	106	33,5
	Feminino	210	66,5
Nível Sócio-Económico	Baixo	91	28,8
	Médio	193	61,1
	Elevado	31	9,8
Local de Residência	Predominantemente Urbano	114	36,1
	Medianamente Urbano	104	32,9
	Predominantemente Rural	98	31,0

Tabela 2. Variáveis demográficas e estruturais

Variável		N	%
Etapa do Ciclo Vital	Casal sem Filhos	34	10,8
	Filhos Pequenos ou Pré-Escolar	51	16,1
	Filhos Idade Escolar	46	14,6
	Filhos Adolescentes	90	28,5
	Família Lançadora	38	12,0
	Ninho Vazio/Reforma		
	Formas de Famílias		
	Nuclear Intacta	251	79,4
	Pós-divórcio	26	8,2
	Reconstituída	39	12,3

3.2. Instrumentos

Este estudo insere-se numa investigação mais ampla, como já referido, desenvolvida no âmbito de Mestrado Integrado em Psicologia desde o ano lectivo de 2006/2007 (Relvas, 2009). O protocolo seguido incluiu um

⁶ Para definição desta tipologia utilizámos os critérios apresentados pela Tipologia de Áreas Urbanas, do I.N.E e Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano em Junho de 1998

questionário sócio-demográfico e uma ficha de dados complementares⁷, após o preenchimento dos quais se aplicaram os questionários relativos à avaliação das estratégias de *coping* familiar (F-COPES), da qualidade de vida subjectiva (Qualidade de Vida), e da vulnerabilidade ao *stress* (FILE)⁸.

3.2.1. Questionário de Dados Sócio-demográficos

O questionário sócio-demográfico foi elaborado pela equipa de investigação dos anos antecessores, para uma identificação e caracterização do respondente e da sua família. Assim, este questionário, a ser preenchido pelo investigador (administração indirecta), averigua alguns dados pessoais do indivíduo, como a nacionalidade, o local de residência, a idade, o estatuto conjugal, as habilitações literárias, a profissão, entre outras variáveis sócio-demográficas. Contempla, também, algumas variáveis de natureza familiar, tais como informações sobre o agregado familiar e os elementos que possam ter saído do mesmo, questões sobre a religião, a principal fonte de suporte económico e o número de filhos. No final do questionário encontram-se duas questões a serem preenchidas pelo entrevistador, que dizem respeito à etapa do ciclo vital em que a família se encontra (Olson e Colaboradores, 1983) e ao nível sócio-económico familiar, de acordo com a classificação proposta por Mário R. Simões (1994: 285-286) (Anexo II).

3.2.3. Qualidade de Vida

O *Quality of Life* (QL; David H. Olson & Howard L. Barnes, 1982) tem como objectivo avaliar a satisfação do indivíduo face a variados domínios, como revelador da sua satisfação com a Qualidade de Vida.

É um instrumento de auto-resposta, disponível na versão para pais e para adolescentes. A versão parental (utilizada no estudo) é constituída por 40 itens e a versão para adolescentes é constituída por 25 itens, sendo 19 itens comuns às duas escalas e 6 itens que apenas surgem na versão para adolescentes. Os itens do questionário para adultos encontram-se organizados em 12 factores: casamento e vida familiar (4 itens), amigos (2 itens), saúde (2 itens), casa (3 itens), espaço (2 itens), educação (2 itens), tempo (5 itens), religião (2 itens), emprego (2 itens), mass media (4 itens), rendimento (6 itens) e vizinhança e comunidade (6 itens).

A escala de resposta é de Tipo Likert, com cinco níveis, onde o 1

⁷ Esta ficha pretendia averiguar a existência de doença/doença crónica na família e perceber a quem a família recorre em caso de necessidade. Contudo, não foi utilizado no presente trabalho, dado que este não se reporta ao estudo das variáveis que o instrumento avalia.

⁸ O *Family Inventory of Life Events and Changes* (FILE; H. I. McCubbin, J. M. Patterson & L. R. Wilson, 1981) permite determinar o índice de vulnerabilidade familiar às tensões normativas e inesperadas (*pile-up* de *stress*). Também não foi considerado no nosso estudo, uma vez que a avaliação da vulnerabilidade ao *stress* não está contemplada nos nossos objectivos.

corresponde ao “Insatisfeito” e o 5 ao “Extremamente Satisfeito”, sendo que um resultado mais elevado corresponde também a uma maior satisfação com a qualidade de vida. A sua versão original permite-nos obter o resultado total da Qualidade de Vida, bem como o resultado de cada um dos 12 Factores.

O processo de adaptação da escala foi levado a cabo por cinco elementos da equipa de investigação dos anos anteriores, segundo os critérios de validação da Organização Mundial de Saúde⁹.

A versão validada para a população portuguesa do instrumento Qualidade de Vida, desenvolvida por Joana Simões (2008), apresenta características de precisão e de validade semelhantes às encontradas pelos autores originais (valor de alpha de Cronbach para a escala total de 0.922).

Da análise factorial realizada pela autora, resultou uma alteração estrutural definida a partir de uma solução de 11 factores com os seguintes índices de consistência interna: 0.891 para Bem-estar Financeiro (6 itens), 0.979 para Tempo (4 itens), 0.888 para Vizinhança e Comunidade (6 itens), 0.900 para Casa (5 itens), 0.805 para *Mass Media* (3 itens), 0.735 para Relações Sociais e Saúde (4 itens), 0.739 para Emprego (2 itens), 0.971 para Religião (2 itens), 0.797 para Família e Conjugalidade (2 itens), 0.796 para Filhos (2 itens) e 0.825 para Educação (4 itens) (Simões, 2008). (Anexo III)

3.2.4. Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para Crise em Família (F-COPES)

O *Family Crisis Oriented Personal Scales* (F-COPES; H. C. McCubbin, D. H. Olson & A. S. Larsen, 1981) foi desenvolvido com o objectivo de identificar estratégias comportamentais e de resolução de problemas utilizadas pelas famílias em situações de stress ou problemáticas. Estas estratégias de *coping* são relativas aos recursos familiares, sociais e ainda comunitários. O questionário original é composto por 29 itens, sendo que o item 18 foi excluído da escala original por não se agrupar em nenhum factor.

A escala de resposta é Tipo Likert, com cinco alternativas desde 1 (“Discordo muito”) a 5 (“Concordo muito”) e com pontuações de 1 a 5, respectivamente. A versão original do F-COPES permite obter o resultado total de Estratégias de *Coping* e o resultado por Factor. Estes cinco factores são agrupados em duas grandes dimensões: interna e externa. Desta forma, as estratégias de *coping* internas são o *reenquadramento* e a *aceitação passiva* e as estratégias de *coping* externas são a *procura de suporte social*, a *procura de suporte espiritual* e a *mobilização da família para conseguir e aceitar ajuda*. Estas estratégias englobam recursos internos (utilização de

⁹ Canavarro, M.C.; Serra, A.V.; Pereira, M.; Simões, M.R.; Quintais, L.; Quartilho, M.J.; Rijo, D.; Carona, C.; Gameiro, S.; Paredes, T. (2006). Desenvolvimento do Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100) para Português de Portugal. *Psiquiatria Clínica*; Abril-Junho 2006; vol.27, nº2. pp. 16-21.

recursos inerentes à família) e externos (utilização de recurso exteriores ao sistema familiar, como os recursos sociais e comunitários).

Numa tentativa de testar a equivalência transcultural da estrutura factorial da escala na população portuguesa, alguns elementos da equipa de investigação dos anos lectivos de 2007/2008 procederam à aplicação do F-COPES a uma amostra de 372 sujeitos, cujos resultados obtidos apresentam boas propriedades psicométricas. No referido estudo foi utilizada uma tradução do questionário – Escalas de Avaliação Pessoal Orientadas para a Crise em Família –, de A. Vaz Serra, H. Firmino, C. Ramalheira e M. C. Sousa Canavarro, em 1990.

Dos estudos psicométricos efectuados resultaram duas soluções, de cinco e de sete factores, tendo-se optado pela solução dos sete factores, dos quais dois não obtiveram valores aceitáveis de consistência interna (Aceitação Passiva $\alpha = 0.50$ e Avaliação Passiva $\alpha = 0.49$). Esta solução mostrou-se responsável por 58,8% da variância total e ficou composta por 5 sub-escalas correspondendo aos 5 factores com valor do alpha de Cronbach igual ou superior a 0,70: Reenquadramento ($\alpha = 0.79$), Procura de Apoio Espiritual ($\alpha = 0.85$), Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhaça ($\alpha = 0.82$), Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas ($\alpha = 0.77$), e Mobilização de Apoio Formal ($\alpha = 0.70$). O total da escala revelou um bom índice de consistência interna (0,85), incluindo a totalidade dos itens, ou seja, também os constituintes dos dois factores com alpha inferior a 0.70 (Martins, 2008). (Anexo IV)

3.3. Procedimentos

3.3.1. Recolha e selecção da amostra

O processo de recolha da amostra decorreu no ano lectivo de 2007-2008, entre 15 de Novembro e 31 de Janeiro e no ano lectivo de 2008-2009, entre 15 de Novembro e 27 de Fevereiro, de norte a sul do país, efectuado pelos vários elementos da equipa de investigação.

Como critério de recolha da amostra, estabeleceu-se que os sujeitos teriam de ter uma idade superior a 18 anos, tivessem saído do lar paterno e constituído família (união de facto, casamento, namoro).

Importa ressaltar que a amostra recolhida é uma amostra de conveniência porque é constituída por sujeitos que no momento de recolha de dados se encontravam nos locais onde o processo decorreu; para além disso, prescindiu-se de qualquer cuidado ou intenção específica e os grupos foram formados por todos os que responderam afirmativamente e colaboraram na investigação (Almeida & Freire, 2007).

Com vista à uniformização do processo foi seguido o guia de aplicação do protocolo, definido no início da investigação no ano lectivo de 2006/2007 Assim, ficou definido que sempre que possível a aplicação seria feita individualmente, devendo apenas estar presente o investigador e o respondente. Ficou ainda definido que na eventualidade de surgirem dúvidas, no decorrer da aplicação dos questionários, o procedimento a adoptar seria o de apenas reler os itens em voz alta. A aplicação dos

instrumentos foi feita segundo uma ordem previamente definida; primeiro o questionário demográfico, depois a ficha de dados complementares, seguindo-se as escalas propriamente ditas, com a seguinte ordem: o F-COPES, o FILE e o inventário da Qualidade de Vida.

3.3.2. Procedimentos estatísticos

Antes de proceder ao tratamento estatístico dos dados verificou-se a necessidade de efectuar análises preliminares da base de dados, nomeadamente a exclusão e tratamento dos *missings* presentes. Para esse efeito utilizámos um critério, segundo o qual se excluíram os sujeitos que contivessem mais de 5% de *missings* nas respostas (itens) ao *QOL* e ao *F-COPES*. Contudo, verificámos ainda a permanência de alguns *missings*, o que nos levou a reanalisar a base de dados com a perspectiva de averiguar quais os itens que continham mais de 5% de *missings*, dos quais retirámos de modo aleatório alguns sujeitos (utilizando o critério segundo o qual 1 em cada 10 sujeitos nestas condições era eliminado) até cada item, de ambas as escalas, ter apenas 5% de *missings*. De seguida, substituíram-se os *missings* que restaram pela média de resposta desses itens e constituíram-se novos somatórios dos totais do *QOL* e do *F-COPES*. Finalmente, agregámos os itens em dimensões, ou sub-escalas, de acordo com aferido por Simões (2008) e Martins (2008) na validação dos respectivos instrumentos, tal como foi referido na descrição dos mesmos.

Posteriormente, foram testados os pressupostos da normalidade e homogeneidade e calculada a consistência interna das dimensões e dos totais de cada escala sendo que, para a escala total do *QOL* resultou um alpha de Cronbach de 0.933 e para as dimensões foram obtidos os seguintes valores de consistência interna: *Bem-estar Financeiro* ($\alpha = 0.887$), *Tempo* ($\alpha = 0.913$), *Vizinhança e Comunidade* ($\alpha = 0.840$), *Casa* ($\alpha = 0.831$), *Mass Media* ($\alpha = 0.807$), *Relações Sociais e Saúde* ($\alpha = 0.687$), *Emprego* ($\alpha = 0.795$), *Religião* ($\alpha = 0.756$), *Família e Conjugalidade* ($\alpha = 0.808$), *Filhos* ($\alpha = 0.392$) e *Educação* ($\alpha = 0.643$). Quanto ao *F-COPES*, foi obtido um valor de consistência interna de 0.859, para a escala total. Nas dimensões obtiveram-se os seguintes valores: *Reenquadramento* ($\alpha = 0.774$), *Procura de Apoio Espiritual* ($\alpha = 0.828$), *Aquisição de Apoio Social nas Relações de Vizinhança* ($\alpha = 0.758$), *Aquisição de Apoio Social nas Relações Íntimas* ($\alpha = 0.764$), e *Mobilização de Apoio Formal* ($\alpha = 0.738$). Considerou-se que estes valores são abonatórios de uma boa consistência interna, para os dois instrumentos. De igual forma, se verificou que a distribuição dos dados da nossa amostra cumpria os critérios de normalidade e homogeneidade. Do *QOL* foram retiradas as dimensões “Filhos” e “Educação” por se ter verificado que possuíam valores baixos de consistência interna (Anexo V).

Considerou-se conveniente utilizar uma metodologia de redução de dados do *F-COPES* e do *QOL* para se atingirem de modo mais consequente os objectivos da investigação. Para tal, utilizámos uma análise factorial, nomeadamente a análise de componentes principais, que nos permitiu transformar um conjunto de variáveis que inicialmente se correlacionavam

entre si noutro conjunto com menos variáveis, não correlacionadas (Pestana & Gageiro, 2005). Obtivemos, para o *QOL*, dois componentes, tendo sido o mesmo para o *F-COPES*. Forçámos, também, a extração de três e quatro componentes para ambas as escalas, através da rotação varimax. Depois de avaliarmos os valores próprios (*eigenvalues*) das várias análises de componentes efectuadas, de modo a que os componentes principais explicassem a máxima variação dos dados originais e não estivessem correlacionadas entre si (Pestana & Gageiro, 2005), optou-se pela solução de quatro componentes no *QOL* e pela solução de dois componentes no *F-COPES*, atendendo também à articulação feita entre a adequação estatística e teórica. (Anexo VI). Tendo em conta o elevado índice de consistência interna dos factores “Aquisição de apoio social- relações íntimas” (0,65) e “Mobilização de apoio formal” (0,77) e o facto de constituírem uma só dimensão na escala original, optou-se por criar uma nova variável constituída por estas duas dimensões.

Deste modo, consideram-se, para o *QOL*, os seguintes componentes: i) “Condições Financeiras” – incluindo as dimensões *Bem-estar financeiro* e *Emprego* da escala original; ii) “Vida Quotidiana – tempo e lar” – inclui as dimensões *Tempo* e *Casa*; iii) “Vida Familiar – saúde, família e amigos” – inclui as dimensões *Relações sociais e saúde* e *Família e conjugalidade*; iv) “Contextos Envolventes – comunitário, religioso e *media*” – incluindo as dimensões *Vizinhança e comunidade*, *Mass Media* e *Religião*.

Para o *F-COPES* foram consideradas as componentes: i) “Confiança nas capacidades familiares” que inclui a dimensão *Reenquadramento* da escala original, correspondendo a Estratégia de Coping Interno; ii) “Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes” que diz respeito às Estratégias de Coping Externo e inclui as dimensões *Procura de apoio espiritual*, *Aquisição de apoio social – relações de vizinhança*, *Aquisição de apoio social - relações íntimas* e *Mobilização de apoio formal*; e a terceira variável iii) “Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda” que resultou da associação das dimensões *Mobilização de Apoio Formal* e *Aquisição de apoio social – relações íntimas*.

Seguidamente, foram novamente testados os pressupostos da normalidade e homogeneidade, tendo-se verificado que estavam cumpridos. A amostra apresentou-se com distribuição normal, uma vez que o teste de Kolmogorov-Smirnov (distribuição não normal se $p < .01$) permitiu concluir que as variáveis apresentavam, maioritariamente, uma aderência à normalidade, sendo que, as que rejeitaram esta hipótese através deste teste, tinham valores de curtose e assimetria indicativos de aderência à normalidade (entre -1 e +1). Considerou-se também a distribuição homogénea, uma vez que os resultados do teste de Levene (distribuição homogénea se $p > .05$) apontavam para isso (Anexo VII).

Devido ao *n* reduzido de alguns dos grupos que constituem a nossa amostra, optou-se pela fusão daqueles grupos que, do ponto de vista teórico, podiam ser considerados num só grupo. Assim, relativamente às etapas do ciclo vital, fundiram-se os sujeitos da etapa “Família na Reforma” com os sujeitos da etapa “Ninho Vazio”, constituindo-se uma só etapa denominada

“Ninho Vazio/Reforma”.

Com o objectivo de efectuar o tratamento dos dados e responder às questões de investigação, e pelo facto de os pressupostos da normalidade e homogeneidade estarem cumpridos, recorremos à utilização de análises de variância multivariada (MANOVA), de modo a verificar em que medida as variáveis independentes (etapa do ciclo vital e interacção destas com as variáveis mediadoras) produzem efeitos sobre as várias componentes do *QOL* e do *F-COPES* e respectivos totais. Sempre que possível e necessário fizemos uso da comparação múltipla de médias (Teste de *Tukey*) e da comparação de médias através da observação das estatísticas descritivas.

IV. Resultados

4.1 Qualidade de Vida familiar¹⁰

Como se diferenciam os sujeitos enquadrados nas sete etapas do ciclo vital familiar, segundo a categorização proposta por Olson e Col (1983), na forma como percebem a qualidade de vida familiar avaliada pelo QOL?

Os resultados obtidos através da MANOVA permitem-nos concluir que as várias etapas do ciclo vital produzem um efeito significativo no total da escala da qualidade de vida ($p=0,02$). As pontuações médias obtidas em cada etapa do ciclo vital estão apresentadas na Tabela 3, permitindo-nos concluir que é na etapa *família com filhos pequenos* que se percebe uma maior qualidade de vida, enquanto que os valores mais baixos se situam na etapa *família lançadora*. Como se pode verificar, a média total do índice de qualidade de vida é 105,42. Pensando nas etapas do ciclo de vida familiar, as médias variam entre 100,73 e 108,61.

Tabela 3. Qualidade de vida Total

Etapa ciclo vital	Média	Desvio Padrão	N
casal sem filhos	107,76	15,85	34
filhos pequenos	108,61	17,51	51
filhos idade escolar	105,51	16,59	56
filhos adolescentes	105,67	16,26	46
família lançadora	100,73	15,15	91
ninho vazio/reforma	108,39	20,13	38
Total	105,42	16,98	318

No sentido de compreender se as famílias se diferenciam ao longo das seis etapas do ciclo vital no modo como percebem a qualidade de vida nas componentes identificadas através da análise factorial, analisámos os resultados obtidos através da análise da variância multivariada (MANOVA)

¹⁰ Anexo VIII

que nos permitiram concluir que as várias etapas produzem um efeito pequeno no conjunto das variáveis dependentes (Wilks' Lambda = 0,84, F = 2,30, p=0,000 e $\eta^2_p = 0,043$).

De modo a localizar as diferenças estatisticamente significativas para cada variável dependente, analisámos os valores obtidos a partir do teste de variância unifactorial e verificámos que as etapas do ciclo vital produzem efeito sobre a Vida Quotidiana - tempo e lar (p=0,009) e a Vida Familiar - saúde, família e amigos (p=0,000). Para uma análise mais detalhada, analisámos os resultados do teste Tukey que nos permitiram constatar interações estatisticamente significativas entre a etapa *família lançadora* e *ninho vazio/reforma* (p=0,026) no que diz respeito à Vida Quotidiana - tempo e lar. Através do cálculo das medidas descritivas (M e DP), podemos verificar que a etapa *ninho vazio/reforma* (M=31,03) se distingue da etapa *família lançadora* (M=27,41), uma vez que manifesta valores mais elevados; ambas apresentam, respectivamente, os valores médios mais elevados e mais baixos, o que nos leva a concluir que é no *ninho vazio/reforma* que as famílias percebem uma maior qualidade de vida nesta variável.

No que diz respeito à Vida Familiar - saúde, família e amigos, encontram-se diferenças estatisticamente significativas entre as etapas *casal sem filhos* e *família lançadora* e entre *família com filhos pequenos* e *família lançadora*. Através do cálculo das medidas descritivas (M e DP) constatamos que ambas as etapas *casal sem filhos pequenos* e *família com filhos pequenos* se distinguem da etapa *família lançadora* (M=22,71 > M=20,48 e M=23,12 > M=20,48), o que nos leva a concluir que, comparativamente com a etapa *família lançadora*, é nas duas primeiras etapas que as famílias percebem a qualidade de vida ao nível da Vida Familiar - saúde, família e amigos como mais elevada. No que diz respeito a esta variável, podemos também constatar que, em média, as famílias nas etapas *família com filhos pequenos* e *casal sem filhos* apresentam, respectivamente, os dois valores mais elevados e, uma vez mais, é na *família lançadora* que se constata os valores mais baixos.

Será que o sexo dos sujeitos (feminino e masculino) influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

Foi possível verificar que a variável mediadora “sexo” não produz efeito estatisticamente significativo no total da escala qualidade de vida (p=0,59), nem na relação entre a qualidade de vida e as etapas do ciclo vital (Wilks' Lambda = 0,93, F=0,913, p=0,58, $\eta^2_p = 0,018$), nem produz isoladamente efeito na variável dependente (Wilks' Lambda=0,99, F= 0,37, p=0,83, $\eta^2_p = 0,005$).

Será que o local de residência (predominantemente urbano, medianamente urbano e predominantemente rural) dos sujeitos influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

A análise da variância multivariada no que diz respeito ao efeito

mediador da variável “local de residência”, leva-nos a concluir que produz um efeito estatisticamente significativo no total da escala ($p=0,034$) e na relação entre as etapas do ciclo vital e a percepção da qualidade de vida no conjunto das várias componentes (Wilks’ Lambda = 0,82, $F = 1,56$, $p=0,015$ e $\eta^2_p = 0,50$), nomeadamente ao nível das Condições Financeiras ($p=0,002$).

Comparando as diferentes médias relativamente à escala total podemos constatar que, de um modo geral, a qualidade de vida nesta dimensão é mais elevada quando as famílias residem em zona medianamente urbana ($M=111,18$). No que diz respeito à diferenciação entre as várias etapas ao nível das Condições Financeiras, nas etapas *casal sem filhos* e *família com filhos adolescentes* a qualidade de vida apresenta valores médios mais elevados quando residem em zonas predominantemente rurais (respectivamente, $M=25,10$ e $M=25,20$); na etapa *família com filhos pequenos*, *família com filhos em idade escolar* e *ninho vazio/reforma* a qualidade de vida nesta dimensão é mais elevada quando residem em zonas medianamente urbanas (respectivamente, $M=25,66$, $M=25,81$, $M=25,83$); na etapa *família lançadora* a qualidade de vida nesta dimensão é mais elevada quando residem em zonas predominantemente urbanas ($M=25,23$). As famílias que se situam na etapa *ninho vazio/reforma* e residem em meio medianamente urbano são as que percebem uma qualidade de vida mais elevada ao nível das Condições Financeiras.

Será que o nível sócio-económico (baixo, médio e elevado) dos sujeitos influencia o modo como percebem a qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada pelo QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

Apesar dos resultados da MANOVA não revelarem uma interacção estatisticamente significativa entre a variável mediadora nível sócio-económico e o total da escala qualidade de vida ($p=0,45$), é possível verificar um efeito moderador no conjunto das variáveis dependentes (Wilks’ Lambda = 0,82, $F = 1,73$, $p=0,005$ e $\eta^2_p = 0,05$). Contudo, a análise da variância unifactorial não permitiu identificar tal efeito sobre as várias componentes da qualidade de vida. Isto significa que o teste multivariado encontrou uma diferença estatisticamente significativa que os testes univariados não conseguiram confirmar, porque afinal não tomam em consideração a mesma informação que o primeiro tipo de teste. Por outro lado, pode estar em causa, no teste univariado, n 's muito pequenos em alguns níveis (grupos) da variável independente. Este facto diminui o poder do teste, tornando mais difícil encontrar diferenças estatisticamente significativas. Assim, optou-se por um nível de significância (p) menos exigente como forma de circundar o problema ($p < 0,10$). Deste modo, pode-se concluir que o nível sócio-económico produz um efeito mediador estatisticamente significativo sobre a qualidade de vida ao nível da Contextos Envolventes - comunitário, religioso e *media* ($p=0,08$).

A análise das medidas descritivas permite-nos concluir que, de um modo geral, as famílias percebem uma qualidade de vida mais elevada nesta dimensão quando pertencem a um nível sócio-económico elevado

(M=33,19). Olhando para as diferenças entre as várias fases, verificamos que as famílias na etapa *casal sem filhos* percebem uma qualidade de vida mais elevada quando pertencentes a um nível sócio-económico médio (M=33,88), as *famílias com filhos pequenos* e as *famílias lançadoras* quando pertencem a um nível baixo (respectivamente, M= 36,50 e M=30,89) e as *famílias com filhos em idade escolar*, *famílias com filhos adolescentes* e *ninho vazio/reforma* quando pertencentes a um nível elevado (M= 36,00, M=35,00 e M=40,67). As famílias que se situam na etapa *ninho vazio/reforma* e pertencem ao nível sócio-económico elevado são as que percebem uma qualidade de vida mais elevada relativamente a Contextos Envolventes - comunitário, religioso e *media*.

Será que a pertença a diferentes formas de família interfere na percepção da qualidade de vida subjectiva, tal como é avaliada QOL, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

Relativamente à variável mediadora “formas de família”, foi possível verificar um efeito significativo no total da escala ($p=0,009$) e um efeito mediador médio entre as etapas do ciclo vital e a percepção da qualidade de vida nas diversas componentes (Wilks’ Lambda = 0,74, F = 2,59, $p=0,000$ e $\eta^2_p= 0, 073$), nomeadamente ao nível das Condições Financeiras ($p=0,006$), Vida Familiar - saúde, família e amigos ($p=0,021$) e Contextos Envolventes - comunitário, religioso e *media* ($p=0,001$).

A análise das medidas descritivas relativamente à escala total permitiu-nos concluir que é nas famílias reconstituídas que se verifica a média mais elevada (M=111,88).

No que diz respeito às Condições Financeiras, podemos concluir que os *casais sem filhos* (M=24,67), as *famílias com filhos pequenos* (M=28,83) e as *famílias lançadoras* (M=25,00) percebem maior qualidade de vida quando se enquadram em famílias reconstituídas. Por sua vez, as famílias nas etapas *família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes* apresentam valores mais elevados quando se enquadram na estrutura pós-divórcio (respectivamente, M=24,67 e M=25,80) e as famílias na etapa *ninho vazio/reforma* quando se enquadram na estrutura nuclear intacta (M=24,11). As famílias reconstituídas que se situam na etapa *família com filhos pequenos* são as que revelam maior qualidade de vida nesta dimensão.

Ao nível da Vida Familiar - saúde, família e amigos podemos concluir que as famílias nas etapas *casal sem filhos*, *família com filhos adolescentes*, *família lançadora* e *ninho vazio/reforma* apresentam valores mais elevados quando enquadradas na estrutura nuclear intacta (respectivamente, M=22,84, M= 22,46, M= 20,76 e M= 21,57) e as famílias nas etapas *família com filhos pequenos* e *família com filhos em idade escolar* quando enquadrados na estrutura pós-divórcio (respectivamente M= 27,00 e M=22, 62).

No que concerne à variável Contextos Envolventes - comunitário, religioso e *media* nas etapas *casal sem filhos* e *família com filhos pequenos*, as famílias percebem maior qualidade de vida quando enquadradas na

estrutura reconstituída (respectivamente, $M=34,44$ e $M=37,33$), as *famílias com filhos em idade escolar* quando se enquadram na pós-divórcio ($M=34,67$), e as restantes quando se enquadram na forma de família nuclear intacta.

Através dos resultados obtidos podemos concluir que há uma diferenciação significativa no modo como os sujeitos percebem a qualidade de vida familiar ao longo das sete etapas do ciclo vital. Destacam-se as famílias nas fases *família com filhos pequenos* e *família lançadora* como sendo aquelas que apresentam, respectivamente, os valores mais elevados e mais baixos.

Através de uma análise mais detalhada sobre o modo como a qualidade de vida subjectiva se diferencia ao nível das várias componentes, percebemos que as famílias na etapa *ninho vazio/reforma* distinguem-se significativamente da etapa *família lançadora* no que diz respeito à Vida Quotidiana – tempo e lar, apresentando valores mais elevados; em relação à Vida Familiar – saúde, família e amigos as *famílias com filhos pequenos* e *casal sem filhos* também se distinguem da etapa *família lançadora* com valores médios mais elevados.

Constatámos também que o sexo dos sujeitos não influencia o modo como percebem a qualidade de vida ao longo do ciclo vital, contrariamente ao que acontece com o local de residência, nível sócio-económico e forma de família. Assim, os resultados permitem-nos concluir que as famílias que se situam na etapa *ninho vazio/reforma* e residem em meio medianamente urbano percebem uma qualidade de vida mais elevada ao nível das Condições Financeiras; é também nesta etapa que as famílias, quando pertencentes a um nível sócio-económico elevado, percebem uma maior qualidade de vida no que diz respeito aos Contextos Envolventes – comunitário, religioso e *media*.

Tendo em conta a estrutura familiar, verificamos que as famílias reconstituídas na etapa *família com filhos pequenos* são aquelas cuja qualidade de vida subjectiva é mais elevada ao nível das Condições Financeiras e dos Contextos Envolventes – comunitário, religioso e *media*; ao nível da Vida Familiar – saúde, família e amigos são também as famílias na segunda etapa do ciclo vital que apresentam valores mais elevados mas quando enquadradas na estrutura pós-divórcio.

4.2 Estratégias de *coping* familiar¹¹

Como se diferenciam os sujeitos enquadrados nas sete etapas do ciclo vital familiar, segundo a categorização proposta por Olson e Col (1983), na forma como percebem a utilização das estratégias de coping familiar avaliada pelo F-COPES?

Ao nível dos recursos familiares, os resultados obtidos através da MANOVA permitem-nos concluir que as várias etapas do ciclo vital não

¹¹ Anexo IX

produzem um efeito significativo no total da escala F-COPES ($p=0,17$).

Contudo, no sentido de compreender se as famílias se diferenciam ao longo das sete etapas do ciclo vital no modo como utilizam as diferentes estratégias de *coping*, analisámos os resultados obtidos através da MANOVA que nos permitiram concluir que as várias etapas produzem um efeito pequeno no conjunto das variáveis dependentes (Wilks' Lambda = 0,87, $F = 2,54$, $p=0,000$ e $\eta^2_p = 0,05$). O teste de variância unifactorial permite-nos concluir que as etapas do ciclo vital produzem efeito sobre a estratégia Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes ($p=0,05$). Contudo, ao analisarmos as comparações múltiplas não encontramos diferenças significativas quando $p<0,05$, tendo sido necessário recorrer a um nível de significância (p) menos exigente ($p<0,1$) devido às razões apontadas anteriormente na interacção entre nível sócio-económico e as variáveis dependentes da escala da qualidade de vida. Desse modo, embora com cautela, é possível constatar que existe interacção estatisticamente significativa entre as etapas *casal sem filhos* e *família com filhos adolescentes*, no que diz respeito à utilização desta estratégia ($p=0,07$). Comparando as diferentes médias verificamos que as *famílias com filhos adolescentes* se distinguem dos *casais sem filhos* ($M= 49,41 > M= 42,97$), para além de apresentarem os valores médios mais elevados (Tabela 4). Podemos assim concluir que é na etapa *família com filhos adolescentes* que as famílias mais utilizam a estratégia Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes. Constatamos também que esta é a estratégia mais utilizada pelas famílias ao longo do ciclo vital ($M=47,06$), contrastando com a estratégia de *coping* interno Confiança nas Capacidades Familiares, à qual as famílias, em média, menos recorrem ($M=26,44$), apesar de ser aquela que se mantém mais constante ao longo das várias etapas.

Tabela 4. Estratégias de Coping

Etapa ciclo vital	Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda			Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes			Confiança nas Capacidades Familiares		
	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	N	Média	Desvio Padrão	N
casal sem filhos	28,97	7,26	34	42,98	10,39	34	26,24	3,98	34
filhos pequenos	30,45	6,29	51	47,12	9,4	51	27,04	3,98	51
filhos idade escolar	29,98	5,79	56	48,02	9,27	56	26,68	3,57	56
filhos adolescentes	30,83	6,52	46	49,41	11,19	46	26,28	4,29	46
família lançadora	28,96	5,78	91	46,7	9,86	91	26,27	4,35	91
ninho vazio/reforma	28,34	6,67	38	47,92	9,69	38	26,16	3,67	38
Total	29,53	6,27	318	47,05	10,01	318	26,43	4	318

Será que o sexo dos sujeitos (feminino e masculino) influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de coping, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

Será que o local de residência (predominantemente urbano, medianamente urbano e predominantemente rural) dos sujeitos influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de coping, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

Através da análise da variância multivariada é possível concluir que as variáveis mediadoras “sexo” e “local de residência” não produzem efeito mediador estatisticamente significativo no total da escala (respectivamente, $p=0,44$ e $p=0,11$) ou na relação entre as etapas do ciclo de vida e o conjunto das diversas estratégias de coping (Wilks’ Lambda = 0,97, $F=0,61$, $p=0,89$, $\eta^2_p = 0,01$ e Wilks’ Lambda = 0,88, $F=1,29$, $p=0,14$, $\eta^2_p = 0,04$, respectivamente), nem produzem efeito isoladamente (Wilks’ Lambda=0,99, $F= 0,67$, $p=0,57$, $\eta^2_p=0,007$ e Wilks’ Lambda=0,97, $F= 1,42$, $p=0,2$, $\eta^2_p = 0,01$, respectivamente).

Será que o nível sócio-económico (baixo, médio e elevado) dos sujeitos influencia o modo como percebem a utilização das estratégias de coping, tal como é avaliada pelo F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

No que diz respeito ao nível sócio-económico, a variável não produz um efeito mediador estatisticamente significativo no total da escala ($p=0,13$) nem no conjunto das variáveis dependentes (Wilks’ Lambda = 0,89, $F = 1,27$, $p=0,16$ e $\eta^2_p= 0, 04$). Contudo, a variável produz efeito isoladamente (Wilks’ Lambda = 0,95, $F = 2,47$, $p=0,02$ e $\eta^2_p= 0, 02$), nomeadamente na Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda ($p=0,02$) e Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes ($p=0,002$).

Pela análise das comparações múltiplas é possível concluir que existe uma interacção estatisticamente significativa entre o nível sócio-económico baixo e médio no que diz respeito à Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes. Apesar de não terem sido identificadas interacções estatisticamente significativas relativamente à estratégia Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda e as várias etapas do ciclo vital familiar, recorreu-se à análise das medidas descritivas, que nos permitiu concluir que a referida estratégia é mais utilizada pelas famílias com filhos pequenos e de nível sócio-económico baixo ($M= 38,25$).

Será que a pertença a diferentes formas de família interfere na percepção da utilização das estratégias de coping, tal como é avaliada F-COPES, ao longo das sete etapas do ciclo vital familiar?

A análise da variância multivariada permitiu-nos concluir que, apesar de não existir uma interacção estatisticamente significativa entre as formas de família e o total da escala ($p=0,83$) nem entre o conjunto das estratégias de coping e as etapas do ciclo vital (Wilks’ Lambda = 0,88, $F = 1,45$, $p=0,07$ e $\eta^2_p= 0, 04$), a variável isoladamente produz um efeito médio sobre o conjunto das estratégias de coping (Wilks’ Lambda = 0,92, $F = 4,32$, $p=0,00$

e $\eta^2_p = 0,04$), nomeadamente ao nível das Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda ($p=0,001$) e Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes ($p=0,000$).

Pela análise das comparações múltiplas é possível concluir que existe uma relação estatisticamente significativa entre as formas de família nuclear intacta e reconstituída e entre reconstituída e pós-divórcio, no que diz respeito à utilização de ambas as estratégias de *coping* externo.

Pelos resultados apresentados podemos concluir que não há uma diferenciação significativa no que concerne à percepção da activação de estratégias de *coping* familiar ao longo das sete etapas do ciclo vital. No entanto, é na etapa *família com filhos adolescentes* que os sujeitos da nossa amostra, em média, mais recorrem à utilização da estratégia de *coping* externo Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes, diferenciando-se significativamente da etapa *casal sem filhos*.

Verificámos também que o sexo e o local de residência dos sujeitos não influencia o modo como percebem a utilização do *coping* familiar ao longo do ciclo vital, assim como o nível sócio-económico e a pertença a diferentes formas de família, dado que não têm influência na relação em causa e apenas produzem um efeito isolado sobre a percepção da utilização das referidas estratégias.

V - Discussão

5.1. Qualidade de Vida

Os valores encontrados para a qualidade de vida subjectiva das famílias revelam-nos que esta é superior na etapa *família com filhos pequenos* e *ninho vazio/reforma* e inferior na *família lançadora*. Recordando a base bibliográfica a partir da qual se desenvolveu a presente investigação, verificamos que tais conclusões vão de encontro ao verificado por Vilaça (2007) e Marques (2008) ao constatarem uma qualidade de vida superior na segunda etapa do ciclo vital. Podemos, assim, concluir que as famílias da nossa amostra experienciam um maior conforto e bem-estar na fase de nascimento dos filhos e nos seus primeiros anos de vida. Como ilustramos adiante, a percepção de uma qualidade de vida elevada nestas famílias está relacionada com factores como a estrutura familiar (Rogers & White, 1998), relação conjugal (Rogers & White, 1998; Kluwer & Johnson, 2007; Linville et al, 2010), práticas parentais (Morrill, Hines, Mahmood & Córdova, 2010), as relações com famílias de origem (Knauth, 2001) e a situação profissional/carreira (Baker, 2010).

No entanto, os restantes autores manifestam uma tendência oposta, na medida em que consideram que a qualidade de vida aumenta progressivamente ao longo do desenvolvimento familiar (Cameron, 1975; Olson e Col, 1983; Mercier, Péladeau & Tempier, 1998; Sousa et al, 2000) e que os desafios inerentes aos primeiros anos de exercício da parentalidade conduzem à percepção de uma qualidade de vida inferior (Olson et al, 1983;

Miller & Sollie, 1986; Twenge, Campbell & Foster, 2003).

Por outro lado, a etapa *família lançadora* apresenta-se como sendo aquela onde os sujeitos percebem, globalmente, uma menor qualidade de vida, tal como apontam os resultados dos principais estudos mencionados ao associarem a este período de crise um aumento da vulnerabilidade ao stress (Vilaça, 2007), uma baixa qualidade de vida (Marques, 2008; Olson et al, 1983) e uma diminuição da qualidade da relação entre pais e filhos (Bucx & Van Wel, 2008). Também o estudo de Kaufman & Uhlenberg (1998) é revelador do modo como, nesta etapa, a relação entre pais e filhos é particularmente vulnerável a factores de stress, inerentes às mudanças e crises desenvolvimentais e inesperadas. Contudo, um olhar mais atento sobre a realidade actual, leva-nos a pensar que a conjuntura sócio-económica dos últimos anos, caracterizada por uma enorme instabilidade profissional e económica, conduz a sucessivos avanços e recuos no “lançamento” dos filhos, desenvolvendo um conjunto de crenças familiares pautadas por inseguranças e expectativas negativas. A consequente percepção de uma qualidade de vida inferior manifesta-se um pouco pelas várias vertentes da vivência familiar: financeira, relacional, quotidiana e comunitária.

Ao nível das várias vertentes subjacentes às dinâmicas familiares, é na última etapa que os sujeitos manifestam maior qualidade de vida no que diz respeito à vida quotidiana tendo em conta a gestão da casa e do tempo, contrastando significativamente com a fase de lançamento dos filhos, onde que se verifica exactamente o inverso. Em certa medida, confirmou-se a tendência verificada por Olson et al. (1983), Greeff (2000) e Sousa, Galante & Figueiredo (2003) de um aumento da qualidade de vida nas últimas etapas, que no nosso estudo se agregaram numa só. Nas famílias da nossa amostra, consideramos que ela se manifesta essencialmente numa maior satisfação com as condições habitacionais, maior disponibilidade para gerir e cuidar da casa e mais espaço para as necessidades individuais e familiares, por um lado, e disporem de mais tempo livre a nível individual, familiar e doméstico, por outro.

Tendo em conta a conjuntura actual em que os jovens saem tardiamente do lar paterno (Silveira & Wagner, 2006), o facto da qualidade de vida na fase *ninho vazio/reforma* estar relacionada com as componentes do tempo e da casa e não com as componentes relacionais, permite-nos pensar que o “desafogo” e a diminuição das responsabilidades parentais levam a que as famílias disponham de mais tempo para as tarefas quotidianas.

Por sua vez, as dinâmicas da vida familiar relacionadas com a saúde, a família nuclear e alargada e os amigos, são vivenciadas com maior satisfação nas duas primeiras etapas do percurso familiar, distinguindo-se fortemente das *famílias lançadoras* onde a percepção da qualidade de vida é menor. Tal seria de esperar se pensarmos que, actualmente, a formação de uma família pressupõe um período de maior ponderação e o nascimento dos filhos carece de grande investimento, estreitando os laços relacionais entre os vários elementos. Por outro lado, o desenvolvimento de uma relação conjugal saudável nos primeiros tempos de vida do filho conduz a uma

otimização do exercício da parentalidade nas fases posteriores (Rogers & White, 1998; Kluwer & Johnson, 2007; Linville et al, 2010) que, conseqüentemente, promove a manutenção de uma boa relação conjugal (Morrill, Hines, Mahmood & Córdova, 2010) e familiar (Knauth, 2001). Desse modo, os sujeitos experienciam maior bem-estar físico e emocional, manifestos em boas condições de saúde, e maior satisfação com a relação conjugal, familiar (quer se trate da família nuclear ou alargada) e com as relações de amizade, tal como fora, em parte, referenciado por Greeff (2000) e Olson et al. (1983).

O facto de ser na fase de lançamento dos filhos que as famílias percebem uma qualidade de vida inferior nas vertentes quotidiana e familiar, leva-nos a colocar a hipótese de que nesta etapa os sujeitos, mesmo que vejam diminuídas as suas responsabilidades parentais, vêm acrescidos os encargos em relação à geração antecedente (“avós”) que, muitas vezes, passa a habitar no mesmo espaço. Tal situação conduz, não raras vezes, a conflitos e tensões intra-familiares dentro e fora do agregado, à diminuição de tempo para as tarefas diárias e menos espaço para as necessidades individuais e familiares.

Contrariamente ao verificado por Olson et al. (1983) o sexo dos elementos da família parece não influenciar a percepção da qualidade de vida ao longo do desenvolvimento do ciclo vital. No entanto, o mesmo não acontece com as restantes variáveis mediadoras, local de residência, nível sócio-económico e formas de família, tal como apontam os estudos de Rogers & White (1998), Glasgow (2000), Struthers & Bokemeier (2000), Wall (2003), Orthner, Jones-Sanpei & Williamson (2004) Brito (2006), Marques (2008) e Reis (2008).

No que diz respeito ao local de residência, os resultados apontam no sentido de uma maior qualidade de vida total das famílias e, particularmente ao nível da gestão financeira, quando residem em zonas medianamente urbanas, sobretudo na última etapa do ciclo vital. Estas conclusões variam um pouco dos resultados de Reis (2008) e Batista (2008), uma vez que os autores constataram uma maior qualidade de vida das famílias residentes neste meio ao nível das relações de vizinhança e comunidade. Contudo, os nossos resultados vão de encontro às conclusões de Struthers & Bokemeier (2000) ao considerar que as famílias residentes em meio rural percebem uma qualidade de vida inferior a nível profissional e financeiro.

Tal como descrito por Reis (2008), o nível sócio-económico das famílias parece não influenciar a percepção da qualidade de vida global. Contudo, medeia a satisfação com os sistemas da rede social, sendo na etapa *ninho vazio/reforma* que as famílias de um nível sócio-económico elevado percebem uma maior qualidade de vida. Tais resultados permitem-nos concluir que os indivíduos destas famílias, para além de estarem mais disponíveis aquando da reforma e da saída dos filhos, têm mais facilmente acesso aos serviços disponibilizados pela comunidade, às (novas) tecnologias e meios de comunicação, devido aos seus recursos financeiros, o que lhes permite usufruir das suas vantagens e regalias, ao mesmo tempo que é promovida e facilitada uma melhor relação com os demais.

Relativamente ao modo como as famílias ao longo do ciclo vital percebem a qualidade de vida, tendo em conta a estrutura familiar em que se enquadram, os dados da revisão bibliográfica apontam para a influência desta variável na percepção do *coping* familiar, bem como da qualidade de vida (Rogers & White, 1998; Wall, 2003; Brito, 2006; Marques, 2008; Coutinho, 2008). Neste sentido, podemos concluir que as famílias reconstituídas percebem maior qualidade de vida total, seguidas das famílias nucleares intactas e pós-divórcio, contrariando o estereótipo ainda vigente na sociedade actual, inferido pelo senso-comum. Tendo em conta o desenvolvimento familiar, é na etapa *família com filhos pequenos* que se verifica maior qualidade de vida. Tais resultados são confirmados por Rogers & White (1998) ao constatarem que a satisfação nesta etapa está relacionada com o tipo de estrutura familiar.

A influência desta variável manifesta-se a vários níveis, nomeadamente no bem-estar e gestão financeira, na satisfação com os sistemas sociais envolventes - onde em ambas as vertentes as *famílias com filhos pequenos* apresentam valores mais elevados quando enquadradas na estrutura reconstituída (corroborando as conclusões de Marques (2008) expecto no que concerne às Condições Financeiras) - e ao nível da satisfação com a saúde, família e amigos - onde as famílias com filhos pequenos revelam, novamente, maior qualidade de vida mas na estrutura pós-divórcio. Poderá isto significar que os desafios inerentes à reconstituição familiar na fase *família com filhos pequenos* promovem a abertura do sistema ao exterior e um maior contacto com os sistemas da rede social. No entanto, parecem conduzir a dificuldades relacionais com a família nuclear e alargada e com os amigos.

Em suma, podemos concluir que o nível sócio-económico e a zona de residência são factores particularmente determinantes na qualidade de vida subjectiva na última etapa do ciclo vital familiar, ao passo que a relevância da estrutura familiar recai essencialmente sobre a fase de nascimento dos filhos.

5.2 Estratégias de *coping* familiar

Ao analisar o modo como as famílias constituintes da nossa amostra recorrem à utilização das diferentes estratégias de *coping*, sobressaem as estratégias externas, nomeadamente a Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes, utilizada principalmente pelas *famílias com filhos adolescentes* e em menor número na primeira fase do ciclo vital. Tendo em conta o sentido teórico é expectável que assim seja, dado que é uma fase de grande abertura do sistema familiar ao exterior, e as famílias tendem a mobilizar o apoio espiritual, o apoio social através das relações íntimas e de vizinhança e o apoio formal. A tendência inversa verifica-se na primeira etapa do percurso familiar, onde as dinâmicas familiares dos *casais sem filhos* centram-se em movimentos centrípetos e o sistema fecha-se relativamente ao exterior.

Tais resultados contrariam, em parte, Vilaça (2007) ao ter verificado

uma postura mais activa na utilização de recursos nas primeiras etapas do ciclo vital e maior utilização de estratégias de *coping* na etapa *família com filhos em idade escolar*; mas convergem no facto da etapa *casal sem filhos* ser aquela onde as famílias menos recorrem à utilização de estratégias externas.

Por sua vez, Coutinho (2008) também revelou resultados distintos, ao identificar a etapa *ninho vazio* como aquela onde as famílias utilizam mais recursos e ao constatar que as famílias nas primeiras etapas do ciclo vital recorrem preferencialmente à estratégia Reenquadramento (Confiança nas Capacidades Familiares). Também Olson et al. (1983) concluíram que é nas duas últimas etapas que as famílias mais recorrem à Mobilização de Apoio Formal e à Aquisição de Suporte Social.

Apesar da estratégia de *coping* interno Confiança nas Capacidades Familiares ser aquela menos utilizada pelas famílias da nossa amostra e de não se ter constatado uma variância significativa na sua utilização ao longo do desenvolvimento familiar, verifica-se que é aquela que se mantém mais constante ao longo das várias etapas. Isto leva-nos a crer que esta é uma estratégia menos sensível à influência das variáveis sócio-demográficas e estruturais. A importância do *coping* interno ao longo do tempo fora também demonstrada por Olson e colaboradores (1983) e Vilaça (2007).

Contrariamente aos dados da investigação bibliográfica efectuada, não se verificou a influência do sexo (Olson et al, 1983) nem do local de residência (Glasgow, 2000; Struhers & Bokemeier, 2000; Reis, 2008) no modo como as famílias, ao longo das etapas do ciclo vital, recorrem às diferentes estratégias de *coping*. Do mesmo modo, também o nível sócio-económico e o tipo de estrutura familiar parecem não mediar tal relação, uma vez que apenas se verifica o seu efeito na utilização das diversas estratégias, independentemente da fase do ciclo vital familiar.

Assim, as diferenças situam-se entre os níveis sócio-económico baixo e médio, no que diz respeito à Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes. Neste sentido, fazemos alusão ao estudo de Coutinho (2008) que concluiu que as famílias de nível sócio-económico baixo são aquelas que utilizam mais estratégias, reconhecendo preferencialmente a utilização da estratégia “avaliação passiva” por parte destas famílias, e a utilização da estratégia “reenquadramento” nas famílias de nível sócio-económico médio.

No que concerne à diferenciação entre as várias formas de família na percepção do *coping* familiar, constatamos que as diferenças novamente se estabelecem entre as duas estratégias de *coping* externo, ou seja, na mobilização apoio familiar e formal, aquisição de apoio social e procura de apoio espiritual, contrariando os resultados de Coutinho (2008).

Importa sublinhar que a utilização da estratégia de *coping* interno, “Confianças nas Capacidades Familiares”, não se mostrou relevante nas famílias constituintes da nossa amostra, demonstrando o uso preferencial de estratégias mais activas e o recurso predominante ao apoio formal e informal e aos serviços da comunidade.

VI - Conclusão

O nosso estudo mostra que a percepção da qualidade de vida e da utilização das estratégias de *coping* varia consoante as tarefas e crises associadas às sete etapas do ciclo de vida familiar, para além desta relação sofrer a influência do nível sócio-económico, zona de residência e estrutura familiar (formas de família) dos sujeitos, no que diz respeito à qualidade de vida. A influência do sexo dos sujeitos não se verificou a nenhum nível.

Neste sentido, importa sublinhar algumas das principais conclusões:

i) Em termos globais, a percepção da qualidade de vida familiar atinge o seu auge na etapa *família com filhos pequenos* e o segundo valor mais alto no *ninho vazio/reforma*. Podemos dizer que o ciclo vital familiar parece emergir de acordo com uma nova tendência constituída por dois momentos essenciais: um primeiro marcado pelo nascimento dos filhos e um outro que emerge no final do percurso familiar. Paralelamente, é consensual que as *famílias lançadoras* estão sujeitas a múltiplos desafios e, portanto, vivenciam esta fase com baixa qualidade de vida (Olson et al, 1983; Kuafman & Uhlenberg, 1998; Vilaça, 2007; Bucx & Van Wel, 2008; Marques, 2008).

iii) Relativamente às quatro vertentes inerentes às dinâmicas familiares, destacam-se as respectivas à vida quotidiana e à vida familiar. A primeira parece ser aquela menos vulnerável à influência dos factores de ordem sócio-demográfica ou estrutural, dado que não sofre repercussões de nenhuma variável em análise. São as famílias no *ninho vazio/reforma* que revelam uma maior percepção da qualidade de vida. Na segunda, a percepção é mais elevada nas duas primeiras etapas e constata-se a influência da estrutura familiar dos sujeitos, sendo que as *famílias com filhos pequenos* na estrutura pós-divórcio revelam maior satisfação com as relações familiares, contrariamente à tendência verificada nas restantes dimensões. Em ambas as vertentes são, novamente, as *famílias lançadoras* que revelam uma qualidade de vida subjectiva inferior.

iv) A percepção da qualidade de vida ao nível das Condições Financeiras está sob a influência do local de residência dos sujeitos e da estrutura familiar. As famílias revelam valores mais elevados quando estão na etapa *ninho vazio/reforma* e residem em meio medianamente urbano e quando estão na etapa *família com filhos pequenos* e se enquadram na estrutura reconstituída.

v) A percepção da qualidade de vida relativamente aos contextos comunitário, religioso e *media* sofre a influência do nível sócio-económico e forma de família dos sujeitos. As famílias na etapa *ninho vazio/reforma* de nível sócio-económico elevado manifestam os valores mais elevados, assim como as *famílias com filhos pequenos* na estrutura reconstituída.

vi) A nível global, o *coping* familiar não se diferencia de acordo com as várias etapas do ciclo vital, nem está sob a influência de factores estruturais ou sócio-demográficos.

vii) Prevalece a utilização activa dos recursos externos por parte das famílias, enquanto que a utilização de estratégias internas mantém-se estável

ao longo do desenvolvimento familiar, tal como apontam os principais estudos (Olson et al, 1983; Vilaça, 2007).

viii) A Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes foi a estratégia que mais se destacou, sendo utilizada principalmente pela *família com filhos adolescentes* e menos utilizada pelo *casal sem filhos*. Constatou-se influência do nível sócio-económico e estrutura familiar dos sujeitos na sua utilização, tal como acontece na estratégia Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de Ajuda.

Contudo, no decorrer da nossa análise confrontámo-nos, de um modo global, com algumas limitações. Uma das principais diz respeito à escassez de investigações realizadas com famílias portuguesas, já que as citadas pertencem ao mesmo grupo de investigação. Tendo por base uma óptica internacional, a compreensão dos dados ficou limitada à comparação com famílias enquadradas numa conjuntura sócio-económica e cultural distinta. Por outro lado, e sendo nosso objectivo estudar o funcionamento das famílias, teria sido importante recolher informações dos vários elementos do agregado familiar, de modo a analisar as interações que se estabelecem no seio do sistema.

Importa sublinhar que não podemos deixar de olhar para estes resultados com a subjectividade inerente à percepção da qualidade de vida - formulada por cada indivíduo de acordo com a relação entre as circunstâncias ambientais e o tipo de suporte que recebe da família e amigos (Simões, 2008) - e do próprio construto enquanto conceito multidimensional, e do *coping* familiar.

Apesar de tais limitações, as conclusões do presente estudo não deixam de conduzir a importantes implicações clínicas na prática com famílias. Um dos principais aspectos centra-se na compreensão que nos proporciona acerca do funcionamento do sistema familiar ao longo do seu percurso desenvolvimental, tendo em conta as competências e desafios inerentes à conjuntura sócio-económica actual. Do mesmo modo, os nossos resultados apresentam o seu contributo na desmistificação de dogmas ainda vigentes no seio da sociedade contemporânea, nomeadamente no que diz respeito à qualidade de vida das famílias reconstituídas e ao bem-estar e satisfação da população idosa.

Em jeito de conclusão, diríamos que seria importante desenvolver um estudo longitudinal sobre estas variáveis que nos possibilitasse uma compreensão complementar acerca do desenvolvimento e evolução das famílias portuguesas. Principalmente no que diz respeito às diferentes estratégias de *coping*, consideramos essencial uma análise aprofundada acerca das variáveis que possam influenciar a utilização dos diversos recursos por parte das famílias, uma vez que os nossos resultados não apontaram para a relevância de factores sócio-demográficos ou estruturais. Paralelamente, e tendo em conta as significativas transformações sociais das últimas décadas, traduzindo-se em alterações na composição e constituição das famílias que não se enquadram na tipologia estabelecida por Olson et al (1983), sublinhamos a relevância do ajuste teórico, nomeadamente no que concerne à emergência de novas fronteiras entre as fases do

desenvolvimento familiar. Tomamos como exemplo o aumento da esperança média de vida associado ao prolongamento dos filhos no lar paterno e respectivo adiamento da sua autonomia. Tal conjuntura traduz-se numa alteração das dinâmicas familiares na etapa *família com filhos adolescentes* que passam a estar “mascaradas” pelos jovens adultos que a constituem. Concomitantemente, o “ninho” permanece “cheio” e conta com a permanência das gerações mais idosas que exigem, não raras vezes, cuidados permanentes.

Bibliografia

- Almeida, L.S, & Freire, T. (2007). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilíbrios Edições, Braga.
- Batista, S. (2008). *Estratégias de coping e qualidade de vida na adolescência: estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Baker, M. (2010). Choices or Constrains? Family Responsibilities, Gender and Academic Career. *Journal of Comparative Family Studies*, 41(1), 1-18.
- Brito, H. (2006). Stress, resiliência e vulnerabilidade: comparando famílias com filhos adolescentes na escola. *Revista Brasileira do Crescimento Desenvolvimento Humano*, 16(2), 25-37.
- Bucx, F., & Van Wel, F. (2008). Parental Bond and Life Course Transitions from Adolescence to Young Adulthood. *Family Therapy*, 35(2), 109-126.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Editora Artes Médica (Versão original publicada em 1989).
- Coutinho, E. (2008). *Estratégias de coping em função do Ciclo Vital da Família*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Edições Afrontamento: Porto.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Climepsi Editores, Lisboa.
- Glasgow, N. (2000). Rural/Urban Patterns of Aging and Caregiving in the

- United States. *Journal of Family Issues*, 21(5), 611-631. doi: 10.1177/019251300021005005
- Greeff, A.P (2000). Characteristics of Families that Function Well. *Journal of Family Issues*, 21(8), 948-962. doi: 10.1177/019251300021008001
- Kaufman, G., & Uhlenber, P. (1998). Effects of Life Course Transition on the Quality of Relationship Between Adult Children and Their Parents. *Journal of Marriage and the Family*, 60(4), 924-938.
- Kluwer, E. S., & Johnson, M.D. (2007). Conflict Frequency and Relationship Quality Across the Transition to Parenthood. *Journal of Marriage and Family*, 69(5), 1089-1106.
- Knauth, D. G. (2001). Marital Change During the Transition to Parenthood. *Pediatric Nursing*, 27(2), 169-173.
- Lansford, J.E., Ceballo R., Abbey, A., & Stewart, A.J. (2001). Does Family Structure Matter? A Comparison of Adoptive, Two-Parenting Biological, Single-Mother, Stepfather, and Stepmother Households. *Journal of Marriage and the Family*, 63(3), 840-851.
- Linville, D., Chronister, K., Dishion, T, Todahl, J., Miller, J., Shaw, D., Gardner, F., & Wilson, M. (2010). A longitudinal analysis of parenting practices , couples satisfaction, and child behavior problems. *Journal of Marriage and Family Therapy*, 36(2), 244-255. doi: 10.1111/j.1752-0606.2009.00168.x
- Lowis, J. M., Edwards, A.C., & Burton, M. (2009). Coping with retirement: well-being, health and religion. *The Journal of Psychology*, 143(4), 427-448.
- Marques, T. C. (2008). *Qualidade de vida em função do ciclo vital da família*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Martins, C. (2008). *F-COPES: Estudo de Validação para a População Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Mercier, C., Péladeau, N., & Tempier, R. (1998). Age, gender and quality of life. *Community Mental Health Journal*, 34(5), 487-500.
- Miller, B.C., & Sollie, D.L. (1986). Normal Stresses during the Transisiton

- to Parenthood In Moos, R.H. (Ed.) *Coping with Life Crises: An Integrated Approach* (pp. 129-144) Plenum Press, New York.
- Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Córdova, J.V. (2010). Pathways Between Marriage and Parenting for Wives and Husbands: the Role of Coparenting. *Family Process*, 49(1), 59-73.
- Olson, D.H., McCubbin, H.I., Barnes, H.L., Larsen, A. S., Muxen, M.J., & Wilson, M.A. (1983). *Families, what makes them work*. Beverly Hills: Sage Publications.
- Orthner, D.K., Jones-Sanpei, H., & Williamson, S. (2004). The Resilience and Strengths of Low-Income Families. *Family Relations*, 53(2), 158-167.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo (Versão original publicada em 1998).
- Reis, P. (2008). *Jovens Adultos e Famílias: percepção do coping e qualidade de vida familiar. Um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Relvas, A.P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, A.P. (2009). Stress, coping, qualidade de vida e ciclo vital da família. Projecto de Investigação. *Mosaico*, 43, 6-11.
- Robinson, B., & Thurnher, M. (1986). Taking Care of Aged Parents: A Family Cycle Transition In Moos, R.H. (Ed.) *Coping with Life Crises: An Integrated Approach* (pp. 195-209) Plenum Press, New York.
- Rogers, S.T., & White, L. K. (1998). Satisfaction with parenting: the Role of Marital Happiness, Family Structure, and Parent's Gender. *Journal of Marriage and the Family*, 60(2), 293-308.
- Scabini, E., & Cigoli, V. (1997). Young Adult Families: An Evolutionary Slowdown or a Breakdown in the Generational Transition? *Journal of Family Issues*, 18(6), 608-626. doi:10.1177/019251397018006003
- Silveira, P.G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.

- Simões, J. (2008). *Qualidade de Vida: Estudo de Validação para a população Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Simões, M. (1994). *Investigação no Âmbito da Aferição Nacional do Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*: (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Sousa, L., Galante, H., & Figueiredo, D. (2003). Qualidade de vida e bem-estar nos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Saúde Pública*, 37(3), 364-371.
- Struthers, C.B., & Bokemeier, J.L. (2000). Myths and Realities of Raising Children and Creating Family Life in a Rural County. *Journal of Family Issues*, 21(17), 17-46. doi: 10.1177/019251300021001002
- Twenge, J.M., Campbell, W.K., & Foster, C.A. (2003). Parenthood and Marital Satisfaction: A Meta-Analytic Review. *Journal of Marriage and Family*, 65(3), 574-583.
- Velotti, P. (2008). Family Resources: Perceived social support and parents adjustment. *The Journal of Special Education and Rehabilitation*, 9, 51-61.
- Vilaça, A.M. (2007). *Vulnerabilidade ao stress, coping e qualidade de vida ao longo do ciclo vital da família*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Wall, K. (2003). Famílias no Censo 2001: Estruturas domésticas em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 43, 9-11.

Anexos

Anexo I – caracterização da amostra

Anexo II – questionário de dados sócio-demográficos

Anexo III – adaptação do QOL

Anexo IV – adaptação F-COPES

Anexo V – normalidade e homogeneidade (teste inicial)

Anexo VI – análise de componentes

Anexo VII – normalidade e homogeneidade (final)

Anexo VIII – resultados da MANOVA (QOL)

Anexo IX – resultados da MANOVA (F-COPES)

Anexo I – Características da Amostra

Quadro 1 - Idade

	Frequência	Percentagem	Percentagem Cumulativa
20-30	49	15,5	15,5
31-40	100	31,6	47,2
41-50	96	30,4	77,5
51-60	46	14,6	92,1
61-70	18	5,7	97,8
>71	7	2,2	100,0
Total	316	100,0	

Quadro 2 - Sexo

	Frequência	Percentagem	Percentagem Cumulativa
M	106	33,5	33,5
F	210	66,5	100,0
Total	316	100,0	

Quadro 3 - Local de residência

	Frequência	Percentagem	Percentagem Cumulativa
Predominante urbano	114	36,1	36,1
Medianamente urbano	104	32,9	69,0
Predominante rural	98	31,0	100,0
Total	316	100,0	

Quadro 4 -Etapa do ciclo vital

	Frequência	Percentagem	Percentagem Cumulativa
casal sem filhos	34	10,8	10,8
filhos pequenos ou pré-escolar	51	16,1	26,9
filhos idade escolar	55	17,4	44,3
filhos adolescentes	46	14,6	58,9
família lançadora	90	28,5	87,3
ninho vazio	38	12,0	99,4
Total	316	100,0	

Quadro 5 - Formas de família

	Frequência	Percentagem	Percentagem Cumulativa
Nuclear intacta	251	79,4	79,4
Pós-divórcio	26	8,2	87,7
Reconstituída	39	12,3	100,0
Total	316	100,0	

Quadro 6 - Nível sócio-económico

	Frequência	Percentagem	Percentagem Válida	Percentagem Cumulativa
Válido baixo	91	28,8	28,9	28,9
médio	193	61,1	61,3	90,2
elevado	31	9,8	9,8	100,0
Total	315	99,7	100,0	
Missing 999	1	,3		
Total	316	100,0		

Anexo II – Questionário sócio-demográfico

Questionário Demográfico

Código: _____ data aplicação: ___/___/___
(dia) (mês) (ano)

Dados pessoais:

Idade: ____ Género: Fem___/Masc___

Profissão: _____; Nível de escolaridade: _____

Estado civil:

Solteiro: _____;

Casado: _____ data: _____

Viúvo: _____ data: _____

Divorciado: _____ data: _____

Recasado: _____ data: _____

Local de residência (indique apenas a terra/local): _____

Nacionalidade: portuguesa outra: _____

Religião: não sim: _____

Composição agregado familiar (lista das pessoas que vivem na sua casa):

Parentesco*	Idade	Género Fem/Masc	Profissão	Nível escolaridade

* pai, mãe, filho(a), marido, mulher, irmã(o)

Outras pessoas que vivam no agregado familiar:

Quem (Grau de Parentesco)*	Idade	Profissão	Estado civil	Motivo permanência

*avó(ô), tio (a), etc...

¹Etapa do ciclo vital:

¹Nível sócio-económico:

Alguém, na família, sofre de alguma doença (e.g. diabetes, asma, hipertensão, cancro, obesidade, doença cardiovascular, depressão, ansiedade/pânico, SIDA, consumos, psicose)? Sim ___ Não ___

Quem (parentesco)	Doença	Tipo Específico (e.g. tipo de Diabetes, tipo de epilepsia)	Data diagnóstico	Tipo de Acompanhamento (Ambulatório; Consulta externa; Internamento; Centro Saúde; Nenhum)	Fase de Evolução*	Situação Actual**	Impacto da doença (Ligeiro; Moderado; Forte)	Gravidade doença (Ligeira; Moderada; Severa)

*Fase de Evolução- descrever se: **Crise** (fase inicial); **Crónica** (fase de adaptação); **Terminal**.

Situação Actual - descrever se: **estabilizada; em remissão; em crise.

Já faleceu alguém que era significativo para si? Sim ___ Não ___

Quem	Idade	Causas	Esperado/inesperado	Há quanto tempo ocorreu	Actualmente sente *

* Actualmente sente – **escolha uma** das seguintes alíneas:

- a)** Ainda acho que isso não aconteceu; **b)** Ainda não quero pensar nem falar no assunto;
- c)** Ainda sinto que estou a sofrer de uma forma muito intensa; **d)** Actualmente estou a tentar ajustar-me a esta nova maneira de viver; **e)** Actualmente estou a tentar recompor a minha vida; **f)** Agora, guardo as memórias da pessoa que perdi, continuando a olhar em frente e a seguir a minha vida.

Alguém que é significativo para si se divorciou? Sim ___ Não ___

Quem	Esperado/ inesperado	Há quanto tempo	Impacto na sua vida: Ligeiro; Moderado; Forte

Já alguma vez a sua família recorreu a algum tipo de ajuda psicológica?

Sim ___ Não ___

Se respondeu que Sim:

a) que tipo de Instituição (Centro saúde; Hospital; Cons. Privado; Instituição Solidarietà Social: _____

b) motivo do pedido: _____

c) tipo de pedido (Terapia individual; Terapia Familiar; Terapia casal...): ____

d) quanto tempo tiveram apoio: _____

e) nesta altura ainda têm esse apoio: _____

Na doença ou noutras situações difíceis com que apoio é que mais pode contar? Numere por ordem de importância, em que o 1=mais importante e o 4= menos importante

Da Família Chegada ____; Da Família Alargada ____; Da Comunidade (vizinhos, amigos...) ____; De Instituições (apoio social, médico) ____

Como é que avalia o *stress* da família?

Muito pouco Muitíssimo

1 2 3 4 5

Como é que avalia a qualidade de vida da família?

Muito má Muito boa

1 2 3 4 5

Como é que avalia as Forças/capacidades da família para lidar com os problemas/dificuldades?

Muito más Muito boas

1 2 3 4 5

Como é que acha que a sua família se adapta, em geral, às dificuldades?

Muito Mal Muito bem

1 2 3 4 5

Anexo III – Adaptação do QOL

QUALIDADE DE VIDA

Formulário Parental

Adaptado de David H. Olson & Howard L. Barnes, 1983, por Simões (2008)

Instruções: Leia a lista de “possibilidades de resposta” uma de cada vez. Em seguida, decida acerca da forma como se sente em relação a cada uma das questões. De acordo com o seu grau de satisfação, assinale com uma cruz (x) a classificação mais indicada (1,2,3,4 ou5) à frente do tópico em questão. Obrigado.

	1	2	3	4	5
<u>QUAL O SEU NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM ?:</u>	Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Geralmente Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
Casamento e vida familiar					
1. A sua família					
2. O seu casamento					
3. O(s) seu(s) filho(s)					
4. Número de crianças na sua família					
Amigos					
5. Os seus amigos					
6. A sua relação com os seus familiares (tios, tias, avós, etc.)					
Saúde					
7. A sua própria saúde					
8. A saúde dos outros membros da família					
Casa					
9. As suas condições actuais de habitação					
10. As suas responsabilidades domésticas					
11. As responsabilidades domésticas dos outros membros da família					
12. Espaço para as suas próprias necessidades					
13. Espaço para as necessidades da sua família					
Educação					
14. O nível de estudos que tem					
15. Os programas educativos projectados para melhorar o seu casamento e a sua vida familiar					
Tempo					
16. Quantidade de tempo livre					

	1	2	3	4	5
QUAL O SEU NÍVEL DE SATISFAÇÃO COM ?:	Insatisfeito	Pouco Satisfeito	Geralmente Satisfeito	Muito Satisfeito	Extremamente Satisfeito
17. Tempo para si					
18. Tempo para a família					
19. Tempo para a lida da casa					
20. Tempo para ganhar dinheiro					
Religião					
21. A vida religiosa da sua família					
22. A vida religiosa na sua comunidade					
Emprego					
23. A sua principal ocupação (trabalho)					
24. A segurança do seu trabalho					
Mass Media					
25. A quantidade de tempo que os membros da sua família vêem televisão					
26. A qualidade dos programas televisivos					
27. A qualidade dos filmes					
28. A qualidade dos jornais e revistas					
Bem-estar Financeiro					
29. O seu nível de rendimento					
30. Dinheiro para as necessidades familiares					
31. A sua capacidade para lidar com emergências financeiras					
32. Quantidade de dinheiro que deve (hipoteca, empréstimo, cartões de crédito)					
33. Nível de poupança					
34. Dinheiro para futuras necessidades da família					
Vizinhança e comunidade					
35. As escolas na sua comunidade					
36. As compras na sua comunidade					
37. A segurança na sua comunidade					
38. O bairro onde vive					
39. As instalações recreativas (parques, recintos para recreio, programas, etc.)					
40. Os serviços de saúde					

Consistência Interna do QOL

Tabela 1 - Estrutura factorial do QOL e Índices de Consistência Interna (Simões, 2008)

FACTORES	Nº DOS ITENS	ALPHA CRONBACH
Bem-estar financeiro	20, 24, 29, 30, 31, 32, 33	0.891
Tempo	16, 17, 18, 19	0.979
Vizinhança e comunidade	35, 36, 37, 38, 39	0.888
Casa	9, 10, 11, 12, 13	0.900
<i>Mass media</i>	26, 27, 28	0.805
Relações sociais e saúde	5, 6, 7, 8	0.735
Emprego	23, 24	0.739
Religião	21, 22	0.971
Família e conjugalidade	1, 2	0.797
Filhos	3, 4	0.796
Educação	14, 15	0.825
Valor da escala total	----	0.922

Tabela 2 - Itens e Factores do Instrumento Qualidade de Vida validado para a população portuguesa

Bem-estar financeiro

Tempo para ganhar dinheiro
 O seu nível de rendimento
 Dinheiro para as necessidades familiares
 A sua capacidade para lidar com emergências financeiras
 Nível de poupança
 Dinheiro para futuras necessidades da família

Tempo

Quantidade de tempo livre
 Tempo para si
 Tempo para a família
 Tempo para a lida da casa

Vizinhança e Comunidade

As escolas na sua comunidade
 As compras na sua comunidade
 A segurança na sua comunidade
 O bairro onde vive
 As instalações recreativas (parques, recintos para recreio, programas, etc.)
 Os serviços de saúde

Casa

As suas condições actuais de habitação
 As suas responsabilidades domésticas
 As responsabilidades domésticas dos outros membros da família

Espaço para as suas próprias necessidades

Espaço para as necessidades da sua família

Mass Media

A qualidade dos programas televisivos

A qualidade dos filmes

A qualidade dos jornais e revistas

Relações Sociais e Saúde

Os seus amigos

A sua relação com os seus familiares (tios, tias, avós, etc.)

A sua própria saúde

A saúde dos outros membros da família

Emprego

A sua principal ocupação (trabalho)

A segurança do seu trabalho

Religião

A vida religiosa da sua família

A vida religiosa na sua comunidade

Família e Conjugalidade

A sua família

O seu casamento

Filhos

O(s) seu(s) filho(s)

Número de crianças na sua família

Educação

O nível de estudos que tem

Os programas educativos projectados para melhorar o seu casamento e a sua vida familiar

A quantidade de tempo que os membros da sua família vêem televisão

Quantidade de dinheiro que deve (hipoteca, empréstimo, cartões de crédito)

Anexo IV – Adaptação do F-COPES

Consistência Interna do F-COPES

Tabela 3 - Versão de 7 factores do F-COPES e Índices de Consistência Interna (Martins, 2008)

FACTORES	Nº DOS ITENS	ALPHA CRONBACH
Reenquadramento	22, 3, 24, 11, 7, 13, 15	0.79
Procura de Apoio espiritual	23, 14, 27, 30	0.85
Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhaça	10, 8, 29	0.82
Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas	2, 5, 16, 1, 4, 25	0.77
Mobilização de Apoio Formal	21, 6, 9	0.70
Aceitação Passiva	12, 20, 19	0.50
Avaliação Passiva	17, 26, 28	0.49

Tabela 4 - Versão de 5 factores do F-COPES e Índices de Consistência Interna (Martins, 2008)

FACTORES	Nº DOS ITENS	ALPHA CRONBACH
Reenquadramento	22, 3, 24, 11, 7, 15	0.77
Procura de Apoio espiritual	23, 14, 27, 30	0.85
Aquisição de Apoio Social	10, 8, 29, 2, 16, 4	0.80
Mobilização Familiar para Aquisição e Aceitação de	21, 25, 6, 9, 5, 17, 26, 1	0.76
Ajuda Aquisição de Apoio Social	18	
Avaliação Passiva	12, 13, 20, 19	0.59

Tabela 5 - Dados Normativos para as Sub-Escalas do F-COPES

Sub-Escala	Média	Desvio-Padrão
Reenquadramento	25,91	4,33
3. Sabemos que temos capacidade para resolver os problemas mais importantes		
7. Sabemos que a nossa família tem recursos próprios para resolver os nossos problemas		
11. Encaramos os problemas de frente e procuramos soluções de forma activa e rápida		
13. Mostramos que somos fortes		
15. Aceitamos os acontecimentos perturbadores como parte integrante da vida		
22. Acreditamos que podemos lidar com os nossos próprios problemas		
24. Definimos o problema familiar de uma forma mais positiva de maneira a que não nos sintamos demasiado desencorajados		
Apoio Espiritual	11,26	4,18
14. Frequentamos a igreja e vamos à missa		
23. Participamos em actividades religiosas		
27. Procuramos o conselho de um padre		
30. Temos fé em Deus		
Aquisição de Apoio Social - Relações de Vizinhaça	6,51	3,07
8. Recebemos ofertas e favores de vizinhos (por exemplo comida, tomar conta do correio, etc.)		
10. Pedimos aos nossos vizinhos que nos façam favores e nos dêem assistência		
29. Partilhamos os problemas com os nossos vizinhos		
Aquisição de Apoio Social - Relações Íntimas	20,94	18,69
1. Compartilhamos as nossas dificuldades com os familiares		
2. Procuramos o encorajamento e o apoio de amigos		
4. Procuramos informações e conselhos de pessoas de outras famílias que passaram por problemas semelhantes		
5. Procuramos conselhos de parentes próximos (avós, etc.)		
16. Partilhamos as nossas preocupações com os amigos íntimos		
25. Perguntamos aos nossos familiares o que sentem sobre os problemas com que nos defrontamos		
Mobilização de Apoio Formal	8,73	2,89
6. Procuramos auxílio de instituições criadas para ajudar famílias numa situação como a nossa		
9. Procuramos informação e conselhos junto do médico de família		
21. Procuramos conselho e ajuda profissional para resolver as dificuldades familiares		

Anexo IX – Resultados MANOVA F-COPES

F-COPES Total x Etapas ciclo vital

Quadro 1 - Testes Multivariados: F-COPES total e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,168	,029

Quadro 2 - Estatísticas descritivas: F-COPES total e Ciclo vital

etapa ciclo vital	Média	Desvio Padrão	N
casal sem filhos	98,1765	17,94346	34
filhos pequenos ou pré-escolar	104,6078	16,90216	51
filhos idade escolar	104,6545	16,17293	55
filhos adolescentes	106,5217	20,10167	46
família lançadora	102,3000	15,71119	90
ninho vazio	102,4211	17,96187	38
Total	103,1297	17,25952	316

F-COPES x Etapas ciclo vital

Quadro 3 - Testes multivariados: componentes F-CPES e Ciclo vital

	Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital Wilks' Lambda	,866	2,537	,000	,047

Quadro 4 – Teste do Efeito entre Variáveis: componentes F-COPES e Ciclo vital

Variável dependente	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,218	,026
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,050	,039
Confiança nas capacidades familiares	,861	,008

Quadro 5 – Teste Tukey: componentes F-COPES e Ciclo vital

Variável dependente	(I) etapa ciclo vital		Sig.
		(J) etapa ciclo vital	
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,936
		filhos idade escolar	,990
		filhos adolescentes	,845
		família lançadora	1,000
		ninho vazio/reforma	1,000
filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	filhos idade escolar	,936
		filhos adolescentes	1,000
		família lançadora	1,000
		ninho vazio/reforma	,818
		filhos idade escolar	,698
filhos idade escolar	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,990
		filhos adolescentes	1,000
		família lançadora	,994
		ninho vazio/reforma	,961
		filhos adolescentes	,874
filhos adolescentes	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,845
		filhos idade escolar	1,000
		família lançadora	,994
		ninho vazio/reforma	,646
		filhos adolescentes	,539
família lançadora	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
		filhos idade escolar	,818
		filhos adolescentes	,961
		filhos adolescentes	,646

	ninho vazio/reforma	,999
ninho vazio/reforma	casal sem filhos	1,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,698
	filhos idade escolar	,874
	filhos adolescentes	,539
	família lançadora	,999
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	casal sem filhos	
	filhos pequenos ou pré-escolar	,489
	filhos idade escolar	,228
	filhos adolescentes	,065
	família lançadora	,500
	ninho vazio/reforma	,346
filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	,489
	filhos idade escolar	,999
	filhos adolescentes	,916
	família lançadora	1,000
	ninho vazio/reforma	0
filhos idade escolar	casal sem filhos	,228
	filhos pequenos ou pré-escolar	,999
	filhos adolescentes	,992
	família lançadora	,987
	ninho vazio/reforma	1,000
filhos adolescentes	casal sem filhos	,065
	filhos pequenos ou pré-escolar	,916
	filhos idade escolar	,992
	família lançadora	,738
	ninho vazio/reforma	,993
família lançadora	casal sem filhos	,500
	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
	filhos idade escolar	,987

		filhos adolescentes	,738
		ninho vazio/reforma	,996
	ninho	casal sem filhos	,346
	vazio/reforma	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
		filhos idade escolar	1,000
		filhos adolescentes	,993
		família lançadora	,996
Confiança nas capacidades familiares	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,972
		filhos idade escolar	,999
		filhos adolescentes	1,000
		família lançadora	1,000
		ninho vazio/reforma	1,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	,972
		filhos idade escolar	,999
		filhos adolescentes	,969
		família lançadora	,932
		ninho vazio/reforma	,949
	filhos idade escolar	casal sem filhos	,999
		filhos pequenos ou pré-escolar	,999
		filhos adolescentes	,999
		família lançadora	,997
		ninho vazio/reforma	,996
	filhos adolescentes	casal sem filhos	1,000
		filhos pequenos ou pré-escolar	,969
		filhos idade escolar	,999
		família lançadora	1,000
		ninho vazio/reforma	1,000

família lançadora	casal sem filhos	1,00
	filhos pequenos ou pré-escolar	,932
	filhos idade escolar	,997
	filhos adolescentes	1,00
	ninho vazio/reforma	1,00
		0
ninho vazio/reforma	casal sem filhos	1,00
	filhos pequenos ou pré-escolar	,949
	filhos idade escolar	,996
	filhos adolescentes	1,00
		0
	família lançadora	1,00
		0

Quadro 6 - Estatísticas descritivas: componentes F-COPES e Ciclo vital

etapa ciclo vital		Média	Desvio Padrão	N
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	casal sem filhos	28,9706	7,26338	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	30,4510	6,29385	51
	filhos idade escolar	29,9821	5,79495	56
	filhos adolescentes	30,8261	6,51598	46
	família lançadora	28,9560	5,77718	91
	ninho vazio	28,3421	6,66689	38
	Total	29,5346	6,26772	318
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	casal sem filhos	42,9706	10,38789	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	47,1176	9,40350	51
	filhos idade escolar	48,0179	9,27066	56
	filhos adolescentes	49,4130	11,19042	46
	família lançadora	46,7033	9,85844	91
	ninho vazio	47,9211	9,68806	38
	Total	47,0597	10,01920	318

Confiança nas capacidades familiares	casal sem filhos	26,2353	3,97766	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	27,0392	3,97975	51
	filhos idade escolar	26,6786	3,56808	56
	filhos adolescentes	26,2826	4,28778	46
	família lançadora	26,2747	4,35397	91
	ninho vazio	26,1579	3,66522	38
	Total	26,4371	4,00561	318

F-COPES x Sexo x Etapas ciclo vital

Quadro 7 - Testes multivariados: componentes F-COPES, Sexo e Ciclo vital

Efeito		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Wilks' Lambda	,866	2,468	,001	,047
Sexo	Wilks' Lambda	,993	,668 ^a	,572	,007
Ciclo vital*sexo	Wilks' Lambda	,965	,610	,894	,012

Quadro 8 - Testes multivariados: F-COPES total, Sexo e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,452	,019
Sexo	,271	,004
Ciclo vital * Sexo	,444	,019

F-COPES x Local de residência x Etapas ciclo vital

Quadro 9 - Testes Multivariados: F-COPES total, Residência e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,126	,033
Residência	,540	,004
Ciclo vital * residência	,108	,051

Efeito	Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital Wilks' Lambda	,869	2,382	,001	,046
Residência Wilks' Lambda	,972	1,422	,204	,014
Ciclo vital Wilks' Lambda *residência	,880	1,289	,139	,042

Quadro 10 - Testes Multivariados: componentes F-COPES, Residência, Ciclo vital

F-COPES x Nível sócio-económico x Etapas Ciclo vital

Quadro 11 - Testes multivariados: F-COPES total, nível sócio-económico e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,039	,043
Nível sócio-económico	,002	,040
Ciclo vital * nível sócio-económico	,130	,045

Quadro 12 – Testes multivariados: componentes F-COPES, nível sócio-económico e Ciclo vital

Efeito	Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital Wilks' Lambda	,876	2,233	,002	,043
Nível sócio-económico Wilks' Lambda	,952	2,470	,023	,024
Ciclo vital*nível sócio-económico Wilks' Lambda	,893	1,268	,164	,037

Quadro 13 – Teste do efeito entre variáveis: componentes F-COPES, nível sócio-económico e Ciclo vital

Variável dependente		Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,076	,037
	Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,066	,038
	Confiança nas capacidades familiares	,242	,026
Nível sócio-económico	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,024	,025
	Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,002	,041
	Confiança nas capacidades familiares	,346	,007

Ciclo vital * nível sócio-económico	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,067	,051
	Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,194	,040
	Confiança nas capacidades familiares	,237	,038

Quadro 14 - Teste Tukey: componentes F-COPES, Nível sócio-económico e Ciclo vital

Variável dependente	(I) nível sócio-económico	(J) nível sócio-económico	Sig.
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	baixo	médio	,189
		elevado	,909
	médio	baixo	,189
		elevado	,765
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	baixo	médio	,006
		elevado	,180
	médio	baixo	,006
		elevado	,990
Confiança nas capacidades familiares	baixo	médio	,554
		elevado	,936
	médio	baixo	,554
		elevado	,949
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	baixo	médio	,936
		elevado	,949
	médio	baixo	,936
		elevado	,949

Quadro 15 - Estatísticas descritivas: componentes F-COPES, Nível sócio-económico e Ciclo vital

	etapa ciclo vital	nível sócio-económico	Média	Desvio Padrão	N
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	casal sem filhos	baixo	29,3750	5,57898	8
		médio	28,8462	7,80099	26
		Total	28,9706	7,26338	34
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	filhos pequenos ou pré-escolar	baixo	38,2500	4,34933	4
		médio	29,4857	5,93282	35
		elevado	31,1818	6,44699	11

		Total	30,5600	6,30892	50
	filhos idade escolar	baixo	31,1176	6,68844	17
		médio	30,0857	5,22084	35
		elevado	24,2500	4,11299	4
		Total	29,9821	5,79495	56
	filhos adolescentes	baixo	32,8947	6,20837	19
		médio	29,3913	6,86055	23
		elevado	29,2500	3,77492	4
		Total	30,8261	6,51598	46
	família lançadora	baixo	28,3571	6,14765	28
		médio	28,6964	5,66944	56
		elevado	33,4286	3,20713	7
		Total	28,9560	5,77718	91
	ninho vazio/reforma	baixo	29,0000	6,30344	16
		médio	27,4737	7,26000	19
		elevado	30,3333	5,77350	3
		Total	28,3421	6,66689	38
	Total	baixo	30,4348	6,48804	92
		médio	29,0722	6,23337	194
		elevado	29,9032	5,72337	31
		Total	29,5489	6,27243	317
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	casal sem filhos	baixo	44,7500	10,5525	8
				9	
		médio	42,4231	10,4849	26
				3	
		Total	42,9706	10,3878	34
				9	
	filhos pequenos ou pré-escolar	baixo	60,0000	10,8934	4
				2	
		médio	46,3714	8,89179	35
		elevado	45,4545	7,82769	11
		Total	47,2600	9,44330	50
	filhos idade escolar	baixo	50,0588	11,3769	17
				0	
		médio	47,6000	8,32855	35
		elevado	43,0000	6,32456	4

		Total	48,0179	9,27066	56	
filhos adolescentes		baixo	53,9474	11,7920	19	
				6		
		médio	46,3043	10,2044	23	
				3		
		elevado	45,7500	7,63217	4	
		Total	49,4130	11,1904	46	
				2		
família lançadora		baixo	46,5714	10,8095	28	
				6		
		médio	46,0893	9,50460	56	
		elevado	52,1429	8,11231	7	
		Total	46,7033	9,85844	91	
ninho vazio/reforma		baixo	50,1875	10,1404	16	
				7		
		médio	46,0000	9,87140	19	
		elevado	48,0000	3,46410	3	
		Total	47,9211	9,68806	38	
Total		baixo	49,7935	11,3142	92	
				3		
		médio	45,9381	9,45051	194	
		elevado	46,1935	8,02255	31	
		Total	47,0820	10,0271	317	
				6		
Confiança nas capacidades familiares	casal sem filhos	baixo	25,2500	4,02670	8	
		médio	26,5385	3,99230	26	
		Total	26,2353	3,97766	34	
	filhos pequenos ou pré-escolar		baixo	30,7500	2,87228	4
			médio	26,5429	3,74435	35
			elevado	27,8182	4,28528	11
			Total	27,1600	3,92460	50
	filhos idade escolar		baixo	26,5882	3,69220	17
			médio	27,0000	3,36941	35
			elevado	24,2500	4,78714	4
			Total	26,6786	3,56808	56
	filhos adolescentes		baixo	27,3158	4,24333	19
médio			25,0435	3,95978	23	
elevado			28,5000	5,25991	4	

	Total		26,2826	4,28778	46
família	baixo		27,0714	4,18045	28
lançadora	médio		25,9464	4,49412	56
	elevado		25,7143	4,02965	7
	Total		26,2747	4,35397	91
ninho	baixo		25,7500	3,90726	16
vazio/reforma	médio		26,5789	3,73148	19
	elevado		25,6667	2,30940	3
	Total		26,1579	3,66522	38
Total	baixo		26,8043	4,04437	92
	médio		26,2784	3,96420	194
	elevado		26,5161	4,15428	31
	Total		26,4543	4,00023	317

F-COPES x Formas de família x Etapas ciclo vital

Quadro 16 - Testes multivariados: F-COPES total, Formas de família e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,761	,011
Formas família	,001	,047
Ciclo vital * formas família	,825	,017

Quadro 17 - Testes multivariados: componentes F-COPES, Formas de família e Ciclo vital

Efeito		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Wilks' Lambda	,893	1,895	,014	,037
Formas família	Wilks' Lambda	,918	4,317 ^a	,000	,042
Ciclo vital*formas família	Wilks' Lambda	,879	1,449	,066	,042

Quadro 18 – Teste do efeito entre variáveis: componentes F-COPES, Formas de família e Ciclo vital

Variável dependente	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital		
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,773	,011
Confiança nas capacidades familiares	,942	,006

	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,324	,023
Formas família	Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,000	,053
	Confiança nas capacidades familiares	,402	,006
	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,001	,045
Ciclo vital * formas família	Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	,687	,021
	Confiança nas capacidades familiares	,379	,032
	Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	,403	,031

Quadro 19 - Teste Tukey: componentes F-COPES, Formas de família e Ciclo vital

Variável dependente	(I) FORMAS DE FAMÍLIA	(J) FORMAS DE FAMÍLIA	Sig.
Mobilização do apoio dos sistemas envolventes	nuclear intacta	pós-divórcio	,597
		reconstituída	,000
	pós-divórcio	nuclear intacta	,597
		reconstituída	,000
Confiança nas capacidades familiares	nuclear intacta	pós-divórcio	,882
		reconstituída	,959
	pós-divórcio	nuclear intacta	,882
		reconstituída	,978
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	nuclear intacta	pós-divórcio	,279
		reconstituída	,001
	pós-divórcio	nuclear intacta	,279
		reconstituída	,000
	reconstituída	nuclear intacta	,001
		pós-divórcio	,000

Anexo V – Testes normalidade e homogeneidade (iniciais)

1. Normalidade

Quadro 1 – Testes de normalidade para os factores do QV

	Ciclo Vital	Kolmogorov-Smirnov (Sig.)
Bem-estar financeiro	casal sem filhos	,200
	filhos pequenos ou pré-escolar	,020
	filhos idade escolar	,034
	filhos adolescentes	,073
	família lançadora	,021
	família na reforma	,200
	ninho vazio	,200
Tempo	casal sem filhos	,016
	filhos pequenos ou pré-escolar	,055
	filhos idade escolar	,045
	filhos adolescentes	,000
	família lançadora	,018
	família na reforma	,007
	ninho vazio	,000
Vizinhança e comunidade	casal sem filhos	,200
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,200
	família lançadora	,000
	família na reforma	,200
	ninho vazio	,047
Casa	casal sem filhos	,010
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200
	filhos idade escolar	,200
	filhos adolescentes	,014
	família lançadora	,002
	família na reforma	,199
	ninho vazio	,001
Mass media	casal sem filhos	,006
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,000
	família lançadora	,000
	família na reforma	,010
	ninho vazio	,051
Relação socias e saúde	casal sem filhos	,200
	filhos pequenos ou pré-escolar	,001
	filhos idade escolar	,007
	filhos adolescentes	,002
	família lançadora	,000

	família na reforma	,004
	ninho vazio	,000
Emprego	casal sem filhos	,001
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,001
	filhos adolescentes	,000
	família lançadora	,000
	família na reforma	,200
	ninho vazio	,023
Religiao	casal sem filhos	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,000
	família lançadora	,000
	família na reforma	,117
	ninho vazio	,000
Família e conjugalidade	casal sem filhos	,002
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,000
	família lançadora	,001
	família na reforma	,136
	ninho vazio	,000
Filhos	casal sem filhos	,014
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,006
	família lançadora	,000
	família na reforma	,012
	ninho vazio	,008
Educação	casal sem filhos	,016
	filhos pequenos ou pré-escolar	,009
	filhos idade escolar	,000
	filhos adolescentes	,008
	família lançadora	,000
	família na reforma	,200
	ninho vazio	,006

Quadro 2 – Testes de normalidade para os factores do F-COPES

	Ciclo vital	Kolmogorov-Smirnov (Sig.)
Reenquadramento	casal sem filhos	,006
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200 [*]
	filhos idade escolar	,200 [*]
	filhos adolescentes	,176
	família lançadora	,000
	família na reforma	,095
	ninho vazio	,000
Apoio espiritual	casal sem filhos	,200 [*]
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200 [*]
	filhos idade escolar	,001
	filhos adolescentes	,026
	família lançadora	,042
	família na reforma	,001
	ninho vazio	,200 [*]
Apoio social_vizinhança	casal sem filhos	,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	,000
	filhos idade escolar	,051
	filhos adolescentes	,014
	família lançadora	,001
	família na reforma	,200 [*]
	ninho vazio	,003
Apoio social_relacões íntimas	casal sem filhos	,200 [*]
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200 [*]
	filhos idade escolar	,035
	filhos adolescentes	,032
	família lançadora	,029
	família na reforma	,200 [*]
	ninho vazio	,003
Apoio formal	casal sem filhos	,200 [*]
	filhos pequenos ou pré-escolar	,001
	filhos idade escolar	,200 [*]
	filhos adolescentes	,080
	família lançadora	,001
	família na reforma	,200 [*]
	ninho vazio	,069

2. Homogeneidade

Quadro 3 – Testes de homogeneidade para os factores do QV

	Teste de Levene	Sig.
QV_bem_estar_financeiro	,531	,811
QV_tempo	,754	,626
QV_vizinhança_comunidade	2,485	,017
QV_casa	,682	,688
QV_mass_media	,860	,538
QV_relaçõesocias_saude	,994	,436
QV_emprego	,269	,966
QV_religiao	,521	,819
QV_familia_conjugalidade	1,900	,069
QV_filhos	,899	,508
QV_educacao	,694	,678

Quadro 4 – Testes de homogeneidade para os factores do F-COPES

	Teste de Levene	Sig.
Reenquadramento	1,158	,327
Apoio espiritual	1,606	,133
Apoio social_vizinhança	3,073	,004
Apoio social_relações íntimas	1,423	,195
Apoio formal	2,093	,044

Anexo VI – Análise de Componentes Principais (QOL e F-COPES)

Análise de Componentes Principais (QOL)

Quadro 1 - Total de Variância Explicada

Componentes	<i>Eigenvalues</i>		
	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	3,713	41,251	41,251
2	1,098	12,203	53,453
3	,884	9,822	63,275
4	,760	8,446	71,721
5	,666	7,403	79,124
6	,602	6,693	85,818
7	,476	5,287	91,105
8	,408	4,537	95,642
9	,392	4,358	100,000

Quadro 2 - Matriz de Rotação de Componentes

Dimensão	Componentes			
	1	2	3	4
<i>Bem-Estar Financeiro</i>	,600	,491	,235	,147
<i>Tempo</i>	,102	,884	,048	,178
<i>Vizinhança e Comunidade</i>	,410	,419	,119	,542
<i>Casa</i>	,275	,651	,440	,000
<i>Mass Media</i>	,550	,091	-,199	,632
<i>Relações Sociais e Saúde</i>	,387	,066	,707	,101
<i>Emprego</i>	,810	,153	,236	,052
<i>Religião</i>	-,059	,082	,321	,817
<i>Família e Conjugalidade</i>	,014	,195	,784	,142

Resultaram daí:

Componente 1 – **Condições Financeiras:** Bem-estar Financeiro + Emprego

Componente 2 – **Vida Quotidiana – Tempo e Lar:** Tempo+ Casa

Componente 3 – **Vida Familiar – Família, Amigos e Saúde:** Relações Sociais e Saúde+Família e Conjugalidade

Componente 4 – **Contextos Envolventes- Comunitário, Religioso e Média:** Vizinhança e Comunidade+ *Mass Media*+Religião

Análise de Componentes Principais (F-COPES)

Quadro 3 - Total de Variância Explicada

Componentes	Eigenvalues		
	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	2,209	44,178	44,178
2	1,032	20,646	64,824
3	,762	15,237	80,061
4	,615	12,308	92,370
5	,382	7,630	100,000

Quadro 4 - Matriz de Rotação de Componentes

Dimensão	Componentes	
	1	2
Reenquadramento	-,015	,957
Procura de Apoio Espiritual	,628	,048
Aquisição de Apoio Social – Relações de Vizinhança	,769	-,025
Aquisição de Apoio Social – Relações Íntimas	,651	,546
Mobilização de Apoio Formal	,775	,114

Resultaram daí:

Componente 1 – Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes: Procura Apoio Espiritual + Aquisição Apoio Social-Relações de Vizinhança

Componente 2 – Confiança nas Capacidades Familiares: Reenquadramento

Variável – Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda: Mobilização de apoio formal + Aquisição de apoio social – relações íntimas

Anexo VII – Testes normalidade e homogeneidade (finais)

1. Normalidade

Quadro 1 – Teste normalidade componentes QV

Etapa Ciclo Vital		Kolmogorov-Smirnov (Sig.)	Curtose	Assimetria
Condições financeiras	casal sem filhos	,200	-.872	-.090
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200	.518	.556
	filhos idade escolar	,200	.467	.449
	filhos adolescentes	,076	.054	-.203
	família lançadora	,053	.390	.051
	ninho vazio	,123	.189	.219
Vida quotidiana – tempo e lar	casal sem filhos	,200	-.669	.109
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200	-.084	.249
	filhos idade escolar	,064	.156	.462
	filhos adolescentes	,025	.990	.766
	família lançadora	,128	-.304	.189
	ninho vazio	,001	.998	.895
Vida familiar – família, saúde e amigos	casal sem filhos	,060	-.616	-.199
	filhos pequenos ou pré-escolar	,005	-.528	.517
	filhos idade escolar	,010	.027	.376
	filhos adolescentes	,200	-.055	.252
	família lançadora	,000	.556	.240
	ninho vazio	,010	.283	1.061
Contextos envolventes – comunitário, religioso e media	casal sem filhos	,200	.804	-.663
	filhos pequenos ou pré-escolar	,179	1.354	.239
	filhos idade escolar	,000	-.694	1.290
	filhos adolescentes	,200	1.250	.199
	família lançadora	,003	1.250	-.261
	ninho vazio	,002	-.441	.708

Quadro 2 – Teste normalidade components F-COPES

Etapa Ciclo Vital		Kolmogorov-Smirnov (Sig.)	Curtose	Assimetria
Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes	casal sem filhos	,200	-.952	-.248
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200	.269	.691
	filhos idade escolar	,200	.289	-.118
	filhos adolescentes	,096	-.534	.474
	família lançadora	,200	-.132	-.052
	ninho vazio/reforma	,200	-.308	-.162
Confiança nas capacidades familiares	casal sem filhos	,006	2.714	-1.032
	filhos pequenos ou pré-escolar	,200	-.543	.245
	filhos idade escolar	,200	-.493	-.160
	filhos adolescentes	,176	-.732	.122
	família lançadora	,000	.712	-.697
	ninho vazio/reforma	,000	-3.47	-.658
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	casal sem filhos	,200	-.904	-.168
	filhos pequenos ou pré-escolar	,187	-.349	.217
	filhos idade escolar	,200	.141	-.262
	filhos adolescentes	,200	-.579	-.188
	família lançadora	,003	.241	-.210
	ninho vazio	,101	-.768	-.387

2. Homogeneidade

Quadro 3 – Teste homogeneidade componentes QV

	Teste de Levene	Sig.
Condições financeiras	,444	,849
Vida quotidiana – tempo e lar	,985	,435
Vida familiar – família, saúde e amigos	,621	,714
Contextos envolventes – comunitário, religioso e media	1,633	,137

Quadro 4 – Teste homogeneidade componenes F-COPES

	Teste de Levene	Sig.
Mobilização familiar para aquisição e aceitação de ajuda	1,532	,167
Confiança nas capacidades familiares	1,049	,393
Mobilização do Apoio dos Sistemas Envolventes	1,186	,314

Anexo VIII – Resultados MANOVA QOL

Qualidade de vida Total x Etapas ciclo vital

Quadro 1 - Testes multivariados: QV total e Ciclo vital

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,020	,047

Quadro 2 - Estatísticas Descritivas: QV total e Ciclo vital

Etapa ciclo vital	Média	Desvio Padrão	N
Casal sem filhos	107,7647	15,85361	34
Filhos pequenos ou pré-escolar	108,6134	17,50672	51
Filhos idade escolar	105,8132	16,58931	55
Filhos adolescentes	105,6739	16,26319	46
Família lançadora	100,9985	15,02600	90
Ninho vazio/reforma	108,3944	20,12550	38
Total	105,5628	16,93585	316

Qualidade de vida x Etapas ciclo vital

Quadro 3 - Testes Multivariados: componentes QV e Ciclo vital

Efeito	Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo Vital Wilks' Lambda	,840	2,304	,000	,043

Quadro 4 - Testes do Efeito entre Variáveis: componentes QV e Ciclo vital

Variável dependente	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital Condições financeiras	,286	,023
Vida Quotidiana – tempo e lar	,009	,053
Vida Familiar - saúde, família e amigos	,000	,078
Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,110	,033

Quadro 5 – Teste Tukey: componentes QV e Ciclo vital

Variável dependente	(I) etapa ciclo vital	(J) etapa ciclo vital	Sig.	
Condições financeiras	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,995	
		filhos idade escolar	1,000	
		filhos adolescentes	,999	
		família lançadora	,978	
		ninho vazio/reforma/	1,000	
	filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	filhos idade escolar	,995
			filhos adolescentes	,904
			família lançadora	1,000
			ninho vazio/reforma/	,551
				1,000
	filhos idade escolar	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
			filhos adolescentes	,904
			família lançadora	,957
			ninho vazio/reforma	,999
				,995
	filhos adolescentes	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,999
			filhos idade escolar	1,000
			família lançadora	,957
			ninho vazio/reforma	,704
				1,000
família lançadora	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,978	
		filhos idade escolar	,551	
		filhos adolescentes	,999	
		ninho vazio/reforma	,704	
			,906	

	ninho	casal sem filhos	1,000
	vazio/reforma/	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
		filhos idade escolar	,995
		filhos adolescentes	1,000
		família lançadora	,906
Vida Quotidiana - tempo e lar	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
		filhos idade escolar	1,000
		filhos adolescentes	,975
		família lançadora	,935
		ninho vazio/reforma	,622
	filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	1,000
		filhos idade escolar	1,000
		filhos adolescentes	,997
		família lançadora	,988
		ninho vazio/reforma	,275
	filhos idade escolar	casal sem filhos	1,000
		filhos pequenos ou pré-escolar	1,000
		filhos adolescentes	,959
		família lançadora	,879
		ninho vazio/reforma	,464
	filhos adolescentes	casal sem filhos	,975
		filhos pequenos ou pré-escolar	,997
		filhos idade escolar	,959
		família lançadora	1,000
		ninho vazio/reforma	,093
	família lançadora	casal sem filhos	,935
		filhos pequenos ou pré-escolar	,988
		filhos idade escolar	,879
		filhos adolescentes	1,000
		ninho vazio/reforma	,026
	ninho	casal sem filhos	,622

	vazio/reforma	filhos pequenos ou pré-escolar	,275
		filhos idade escolar	,464
		filhos adolescentes	,093
		família lançadora	,026
Vida Familiar - saúde, família e amigos	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré-escolar	,998
		filhos idade escolar	,901
		filhos adolescentes	,996
		família lançadora	,031
		ninho vazio/reforma	,615
	filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	,998
		filhos idade escolar	,463
		filhos adolescentes	,872
		família lançadora	,001
		ninho vazio/reforma	,194
	filhos idade escolar	casal sem filhos	,901
		filhos pequenos ou pré-escolar	,463
		filhos adolescentes	,997
		família lançadora	,300
		ninho vazio/reforma	,993
	filhos adolescentes	casal sem filhos	,996
		filhos pequenos ou pré-escolar	,872
		filhos idade escolar	,997
		família lançadora	,097
		ninho vazio/reforma	,893
família lançadora	casal sem filhos	,031	
	filhos pequenos ou pré-escolar	,001	
	filhos idade escolar	,300	
	filhos adolescentes	,097	
	ninho vazio/reforma	,901	
ninho vazio/reforma	casal sem filhos	,615	
	filhos pequenos ou pré-escolar	,194	
	filhos idade escolar	,993	

		filhos adolescentes	,893
		família lançadora	,901
Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	casal sem filhos	filhos pequenos ou pré- escolar	1,000
		filhos idade escolar	,996
		filhos adolescentes	,988
		família lançadora	,376
		ninho vazio/reforma	1,000
	filhos pequenos ou pré-escolar	casal sem filhos	1,000
		filhos idade escolar	,986
		filhos adolescentes	,967
		família lançadora	,172
		ninho vazio/reforma	,998
	filhos idade escolar	casal sem filhos	,996
		filhos pequenos ou pré- escolar	,986
		filhos adolescentes	1,000
		família lançadora	,648
		ninho vazio/reforma	1,000
filhos adolescentes	casal sem filhos	,988	
	filhos pequenos ou pré- escolar	,967	
	filhos idade escolar	1,000	
	família lançadora	,830	
	ninho vazio	1,000	
família lançadora	casal sem filhos	,376	
	filhos pequenos ou pré- escolar	,172	
	filhos idade escolar	,648	
	filhos adolescentes	,830	
	ninho vazio/	,655	
ninho vazio/reforma	casal sem filhos	1,000	
	filhos pequenos ou pré- escolar	,998	
	filhos idade escolar	1,000	
	filhos adolescentes	1,000	
	família lançadora	,655	

Quadro 6 - Estatísticas Descritivas: componentes QV e Ciclo vital

etapa ciclo vital		Média	Desvio Padrão	N
Condições financeiras	casal sem filhos	23,41	6,17	4
	filhos pequenos ou pré-escolar	24,22	5,72	1
	filhos idade escolar	22,92	5,67	6
	filhos adolescentes	24,04	5,27	6
	família lançadora	22,42	5,68	1
	ninho vazio/reforma	23,71	5,79	8
	Total	23,34	5,71	18
Vida Quotidiana - tempo e lar	casal sem filhos	28,68	5,49	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	28,19	6,14	51
	filhos idade escolar	28,64	5,98	56
	filhos adolescentes	27,50	5,84	46
	família lançadora	27,41	5,26	91
	ninho vazio/reforma	31,03	6,99	38
	Total	28,40	5,99	318
Vida Familiar - saúde, família e amigos	casal sem filhos	22,71	3,65	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	23,12	3,60	51
	filhos idade escolar	21,79	3,45	56
	filhos adolescentes	22,22	3,17	46
	família lançadora	20,48	3,44	91
	ninho vazio/reforma	21,29	3,99	38
	Total	21,76	3,64	318
Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	casal sem filhos	32,97	5,21	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	33,08	7,09	51
	filhos idade escolar	32,14	6,17	56
	filhos adolescentes	31,91	6,15	46
	família lançadora	30,42	5,52	91
	ninho vazio/reforma	32,37	6,96	38
	Total	31,92	6,19	318

Qualidade de Vida x Sexo x Etapas ciclo vital

Quadro 7 - Testes Multivariados: QV total, Ciclo vital e Sexo

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,032	,044
Sexo	,436	,002
Ciclo vital * Sexo	,594	,015

Quadro 8 – Testes Multivariados: componentes QV, Ciclo vital e Sexo

Efeito		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo Vital	Wilks' Lambda	829	2,418	,000	,046
Sexo	Wilks' Lambda	,995	,374	,827	,005
Ciclo Vital*Sexo	Wilks' Lambda	,931	,913	,584	,018

Qualidade de Vida x Local de Residência x Etapas ciclo vital

Quadro 9 - Testes Multivariados QV total, Ciclo vital e Residência

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,264	,025
Residência	,014	,028
Ciclo vital * residência	,034	,063

Quadro 10 - Testes Multivariados: componentes QV, Ciclo vital e Residência

		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo Vital	Wilks' Lambda	,884	1,547	,045	,030
Residência	Wilks' Lambda	,953	1,794	,075	,024
Ciclo Vital*Residência	Wilks' Lambda	,815	1,563	,015	,050

Quadro 11 - Teste do Efeito entre as Variáveis: componentes QV, Ciclo vital e Residência

Variável Dependentes		Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Condições financeiras	,685	,013
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,096	,035
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,019	,049
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,529	,017
Residência	Condições financeiras	,355	,007
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,033	,023
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,082	,017
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,012	,029
Ciclo vital * residência	Condições financeiras	,002	,089
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,084	,053
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,286	,039
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,368	,035

Quadro 12 - Estatística descritivas QV Total, Ciclo de vida, Residência

etapa ciclo vital	local residência	Média	Desvio Padrão	N
casal sem filhos	predominante/urbano	109,8889	10,16851	18
	mediana/ urbano	100,3333	19,51068	6
	predominante/ rural	108,4000	21,64460	10
	Total	107,7647	15,85361	34
filhos pequenos ou pré-escolar	predominante/urbano	106,8750	13,03265	16
	mediana/ urbano	112,5556	20,83513	27
	predominante/ rural	98,7851	5,96594	8
	Total	108,6134	17,50672	51
filhos idade escolar	predominante/urbano	102,9032	12,79415	31
	mediana/ urbano	112,0453	22,96558	16
	predominante/ rural	104,6250	12,78322	8
	Total	105,8132	16,58931	55
filhos adolescentes	predominante/urbano	104,7333	17,82240	15
	mediana/ urbano	105,1818	10,79646	11
	predominante/ rural	106,6500	18,14351	20
	Total	105,6739	16,26319	46
família lançadora	predominante/urbano	104,9231	14,71033	26
	mediana/ urbano	105,9109	14,55075	24
	predominante/ rural	95,5000	13,98351	40
	Total	100,9985	15,02600	90

ninho vazio/reforma	predominante/urbano	99,4101	7,30507	8
	mediana/ urbano	120,2701	21,67925	18
	predominante/ rural	96,5703	12,65236	12
	Total	108,3944	20,12550	38
Total	predominante/urbano	105,0200	13,40997	114
	mediana/ urbano	111,1774	19,69830	104
	predominante/ rural	100,2360	15,71970	98
	Total	105,5628	16,93585	316

Quadro 13 - Estatísticas descritivas: componentes QV, Ciclo vital e Residência

			Média	Desvio Padrão	N
etapa ciclo vital	local residência				
Condições financeiras	casal sem filhos	predominante/urbano	23,9444	4,73376	18
		mediana/ urbano	19,0000	6,35610	6
		predominante/ rural	25,1000	7,63690	10
		Total	23,4118	6,17482	34
filhos pequenos ou pré-escolar	predominante/urbano	predominante/urbano	23,8125	4,49027	16
		mediana/ urbano	25,6667	6,49260	27
		predominante/ rural	20,1601	2,59634	8
		Total	24,2212	5,72127	51
filhos idade escolar	predominante/urbano	predominante/urbano	21,6250	4,71614	32
		mediana/ urbano	25,8125	6,61532	16
		predominante/ rural	22,3750	5,75543	8
		Total	22,9286	5,66924	56
filhos adolescentes	predominante/urbano	predominante/urbano	22,7333	5,96977	15
		mediana/ urbano	23,7273	2,61116	11
		predominante/ rural	25,2000	5,74548	20
		Total	24,0435	5,26606	46
família lançadora	predominante/urbano	predominante/urbano	25,2308	6,45171	26
		mediana/ urbano	22,5000	5,22536	24
		predominante/ rural	20,6098	4,73222	41
		Total	22,4286	5,68066	91
ninho vazio/reforma	predominante/urbano	predominante/urbano	22,4101	3,58164	8
		mediana/ urbano	25,8333	5,91359	18
		predominante/ rural	21,4036	6,02296	12
		Total	23,7138	5,79337	38
Total	predominante/urbano	predominante/urbano	23,3068	5,30785	115
		mediana/ urbano	24,4808	6,02258	104
		predominante/ rural	22,1932	5,65584	99

		Total	23,3440	5,71352	318
Vida Quotidiana - tempo e lar	casal sem filhos	predominante/urbano	29,3333	4,52444	18
		mediana/ urbano	27,0000	5,05964	6
		predominante/ rural	28,5000	7,39745	10
		Total	28,6765	5,48674	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	predominante/urbano	26,8750	6,33377	16
		mediana/ urbano	29,4815	6,45321	27
		predominante/ rural	26,5000	3,85450	8
		Total	28,1961	6,13847	51
	filhos idade escolar	predominante/urbano	27,4063	4,89146	32
		mediana/ urbano	30,8750	7,64962	16
		predominante/ rural	29,1250	5,59177	8
		Total	28,6429	5,98309	56
	filhos adolescentes	predominante/urbano	28,4667	6,05766	15
		mediana/ urbano	27,2727	3,43776	11
		predominante/ rural	26,9000	6,80480	20
		Total	27,5000	5,83762	46
família lançadora	predominante/urbano	27,6923	5,56251	26	
	mediana/ urbano	28,2917	5,12860	24	
	predominante/ rural	26,7073	5,16838	41	
	Total	27,4066	5,25775	91	
ninho vazio/reforma	predominante/urbano	27,6250	2,66927	8	
	mediana/ urbano	35,3333	7,58481	18	
	predominante/ rural	26,8333	3,63901	12	
	Total	31,0263	6,99609	38	
Total	predominante/urbano	27,8522	5,21173	115	
	mediana/ urbano	30,2308	6,79124	104	
	predominante/ rural	27,1212	5,50746	99	
	Total	28,4025	5,98749	318	
Vida Familiar - saúde, família e amigos	casal sem filhos	predominante/urbano	23,2222	3,09754	18
		mediana/ urbano	21,6667	4,88535	6
		predominante/ rural	22,4000	4,00555	10
		Total	22,7059	3,64758	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	predominante/urbano	23,0000	2,98887	16
		mediana/ urbano	23,8148	4,00036	27
		predominante/ rural	21,0000	2,67261	8

		Total	23,1176	3,60359	51	
filhos idade escolar		predominante/urbano	21,8438	3,50216	32	
		mediana/ urbano	21,5453	3,48144	16	
		predominante/ rural	22,1250	3,56320	8	
		Total	21,7987	3,44527	56	
filhos adolescentes		predominante/urbano	22,0000	3,18479	15	
		mediana/ urbano	22,1818	4,06984	11	
		predominante/ rural	22,4000	2,74149	20	
		Total	22,2174	3,16869	46	
família lançadora		predominante/urbano	20,8077	3,08570	26	
		mediana/ urbano	22,1193	3,71266	24	
		predominante/ rural	19,3137	3,11181	41	
		Total	20,4805	3,44070	91	
ninho vazio/reforma		predominante/urbano	20,3750	1,99553	8	
		mediana/ urbano	22,9368	4,82165	18	
		predominante/ rural	19,4167	2,50303	12	
		Total	21,2859	3,99202	38	
Total		predominante/urbano	21,9043	3,22538	115	
		mediana/ urbano	22,6678	4,08897	104	
		predominante/ rural	20,6249	3,32582	99	
		Total	21,7557	3,64329	318	
Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	casal sem filhos	predominante/urbano	33,3889	4,53923	18	
		mediana/ urbano	32,6667	7,11805	6	
		predominante/ rural	32,4000	5,62139	10	
		Total	32,9706	5,20772	34	
	filhos pequenos ou pré-escolar		predominante/urbano	33,1875	4,73594	16
			mediana/ urbano	33,5926	8,99683	27
			predominante/ rural	31,1250	2,23207	8
			Total	33,0784	7,09040	51
	filhos idade escolar		predominante/urbano	31,5938	5,90713	2
			mediana/ urbano	33,8125	7,90121	16
			predominante/ rural	31,0000	1,41421	8
			Total	32,1429	6,17452	56
	filhos adolescentes		predominante/urbano	31,5333	6,68545	15
			mediana/ urbano	32,0000	5,15752	11
			predominante/ rural	32,1500	6,52344	20

	Total		31,9130	6,15296	46
família	predominante/urbano		31,1923	4,80016	26
lançadora	mediana/ urbano		33,0000	5,06480	24
	predominante/ rural		28,4146	5,56765	41
	Total		30,4176	5,52382	91
ninho	predominante/urbano		29,0000	3,46410	8
vazio/reforma	mediana/ urbano		36,1667	7,60224	18
	predominante/ rural		28,9167	4,62126	12
	Total		32,3684	6,96486	38
Total	predominante/urbano		31,8174	5,30240	115
	mediana/ urbano		33,7981	7,19814	104
	predominante/ rural		30,0606	5,44137	99
	Total		31,9182	6,19195	318

Qualidade de vida x Nível sócio-económico x Etapas ciclo vital

Quadro 14 - Testes Multivariados: QV total, Ciclo vital e nível sócio-económico

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,216	,027
Nível sócio-económico	,051	,020
Ciclo vital * nível sócio-económico	,451	,029

Quadro 15 - Testes Multivariados: componentes QV, Ciclo vital e nível sócio-económico

		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo Vital	Wilks' Lambda	,805	2,761	,000	,053
Nível sócio-económico	Wilks' Lambda	,957	1,641	,110	,022
Ciclo Vital*Nível sócio- económico	Wilks' Lambda	,815	1,734	,005	,050

Quadro 16 – Teste do efeito entre variáveis: componentes QV, Ciclo vital e nível sócio-económico

Variável dependente		Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Condições financeiras	,794	,010
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,006	,058
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,009	,055
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,143	,031
Nível sócio-demográfico	Condições financeiras	,041	,021
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,234	,010
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,045	,021
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,191	,011
Ciclo vital * nível sócio-demográfico	Condições financeiras	,202	,040
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,497	,027
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,389	,031
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,080	,050

Quadro 17 - Estatísticas descritivas: componentes QV, Ciclo vital e nível sócio-económico

		nível sócio-económico	Média	Desvio Padrão	N
Condições financeiras	casal sem filhos	baixo	20,7500	4,02670	8
		médio	24,2308	6,54405	26
	Total		23,4118	6,17482	34
filhos pequenos ou pré-escolar		baixo	23,5703	7,60273	4
		médio	24,2286	5,35277	35

	elevado	23,7273	6,51292	11
	Total	24,0656	5,66934	50
filhos idade escolar	baixo	21,3529	6,88242	17
	médio	23,4571	4,97253	35
	elevado	25,0000	5,77350	4
	Total	22,9286	5,66924	56
filhos adolescentes	baixo	21,8947	5,52665	19
	médio	25,0000	4,52267	23
	elevado	28,7500	4,11299	4
	Total	24,0435	5,26606	46
família lançadora	baixo	21,5714	6,75184	28
	médio	22,1071	4,54744	56
	elevado	28,4286	6,55381	7
	Total	22,4286	5,68066	91
ninho vazio/reforma	baixo	24,7851	7,76525	16
	médio	22,9095	3,44793	19
	elevado	23,0937	6,76588	3
	Total	23,7138	5,79337	38
Total	baixo	22,1722	6,53489	92
	médio	23,4396	5,03133	194
	elevado	25,9446	6,22843	31
	Total	23,3167	5,70174	317
Vida Quotidiana casal sem filhos - tempo e lar	baixo	26,8750	5,86606	8
	médio	29,2308	5,36140	26
	Total	28,6765	5,48674	34
filhos pequenos ou pré-escolar	baixo	29,7500	7,63217	4
	médio	28,2857	5,87903	35
	elevado	26,6364	6,60716	11
	Total	28,0400	6,09771	50
filhos idade escolar	baixo	28,5882	6,74591	17
	médio	28,4286	5,56399	35
	elevado	30,7500	7,50000	4
	Total	28,6429	5,98309	56
filhos adolescentes	baixo	27,8421	7,84760	19
	médio	27,0000	3,03015	23

	elevado	28,7500	8,34166	4	
	Total	27,5000	5,83762	46	
família	baixo	27,4286	6,23864	28	
lançadora	médio	27,2857	4,78906	56	
	elevado	28,2857	5,31395	7	
	Total	27,4066	5,25775	91	
ninho	baixo	30,8125	8,47914	16	
vazio/reforma	médio	29,9474	4,10249	19	
	elevado	39,0000	10,39230	3	
	Total	31,0263	6,99609	38	
Total	baixo	28,3696	7,05818	92	
	médio	28,1598	5,02844	194	
	elevado	29,7742	7,79619	31	
	Total	28,3785	5,98166	317	
Vida Familiar - saúde, família e amigos	casal sem filhos	baixo	23,3750	3,85218	8
		médio	22,5000	3,63593	26
		Total	22,7059	3,64758	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	baixo	23,0000	3,36650	4
		médio	22,5714	3,50869	35
		elevado	25,2727	3,43776	11
		Total	23,2000	3,59137	50
	filhos idade escolar	baixo	20,5213	3,39554	17
		médio	22,1714	3,49357	35
		elevado	23,9657	,81938	4
		Total	21,7987	3,44527	56
	filhos adolescentes	baixo	21,5263	3,02523	19
		médio	22,6522	3,44580	23
		elevado	23,0000	1,82574	4
		Total	22,2174	3,16869	46
	família lançadora	baixo	19,2759	3,54748	28
		médio	20,8571	3,27208	56
		elevado	22,2857	3,30224	7
		Total	20,4805	3,44070	91
	ninho vazio/reforma	baixo	22,1875	4,98289	16
		médio	20,3086	3,07011	19
		elevado	22,6667	2,30940	3

		Total	21,2859	3,99202	38
	Total	baixo	20,9955	3,88769	92
		médio	21,7828	3,47520	194
		elevado	23,9311	3,12981	31
		Total	21,7644	3,64575	317
Contextos	casal sem filhos	baixo	30,0000	4,47214	8
Envolventes -		médio	33,8846	5,14841	26
comunitário,		Total	32,9706	5,20772	34
religioso e media					
	filhos pequenos	baixo	36,5000	4,93288	4
	ou pré-escolar	médio	33,2286	6,16482	35
		elevado	30,4545	9,62667	11
		Total	32,8800	7,01788	50
	filhos idade	baixo	31,8824	7,05233	17
	escolar	médio	31,8286	5,28864	35
		elevado	36,0000	9,76388	4
		Total	32,1429	6,17452	56
	filhos	baixo	31,0526	7,59001	19
	adolescentes	médio	32,0870	4,72818	23
		elevado	35,0000	6,37704	4
		Total	31,9130	6,15296	46
	família	baixo	30,8929	5,60647	28
	lançadora	médio	30,1964	5,30667	56
		elevado	30,2857	7,52140	7
		Total	30,4176	5,52382	91
	ninho	baixo	32,8125	7,46743	16
	vazio/reforma	médio	30,6842	4,54670	19
		elevado	40,6667	12,70171	3
		Total	32,3684	6,96486	38
	Total	baixo	31,6087	6,53975	92
		médio	31,8041	5,42139	194
		elevado	33,1935	8,95328	31
		Total	31,8833	6,17023	317

Qualidade de vida x Formas de família x Etapas ciclo vital

Quadro 18 - Testes Multivariados: QV Total, Ciclo vital, Formas de família

	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	,087	,036
Formas família	,381	,006
Ciclo vital * formasfamília	,009	,070

Quadro 19 - Testes Multivariados: componentes QV, Ciclo vital e Formas de família

Efeito		Valor	F	Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Wilks' Lambda	.777	3,217	,000	,061
Formas família	Wilks' Lambda	.968	1,201	,296	,016
Ciclo vital*Formas família	Wilks' Lambda	.739	2,585	,000	,073

Quadro 20 - Teste do Efeito entre Variáveis: componentes QV, Ciclo vital e Formas de família

Variável dependente		Sig.	Eta Quadrado Parcial
Ciclo vital	Condições financeiras	,383	,021
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,062	,039
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,000	,106
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,114	,034
Formas família	Condições financeiras	,576	,004
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,887	,001
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,285	,008
	Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,088	,016
Ciclo vital * formas família	Condições financeiras	,006	,073
	Vida Quotidiana - tempo e lar	,059	,053
	Vida Familiar - saúde, família e amigos	,021	,063

Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	,001	,089
---	------	------

Quadro 21 - Estatísticas descritivas: QV total, Ciclo vital e Formas de família

etapa ciclo vital	FORMAS DE FAMÍLIA	Média	Desvio Padrão	N
casal sem filhos	nuclear intacta	106,2800	12,49173	25
	reconstituída	111,8889	23,29401	9
	Total	107,7647	15,85361	34
filhos pequenos ou pré-escolar	nuclear intacta	106,8937	13,10885	35
	pós-divórcio	83,0000	4,61880	4
	reconstituída	122,1667	20,19376	12
	Total	108,6134	17,50672	51
filhos idade escolar	nuclear intacta	104,3659	14,28593	41
	pós-divórcio	114,1209	20,82456	6
	reconstituída	107,0000	23,95830	8
	Total	105,8132	16,58931	55
filhos adolescentes	nuclear intacta	106,3590	15,86703	39
	pós-divórcio	103,8000	23,08029	5
	reconstituída	97,0000	4,24264	2
	Total	105,6739	16,26319	46
família lançadora	nuclear intacta	101,2482	15,72802	76
	pós-divórcio	99,6667	11,68332	9
	reconstituída	99,6000	10,23719	5
	Total	100,9985	15,02600	90
ninho vazio	nuclear intacta	109,6487	20,15342	35
	pós-divórcio	102,0000	8,48528	2
	reconstituída	77,2812		1
	Total	108,3944	20,12550	38
Total	nuclear intacta	105,0114	15,71770	251
	pós-divórcio	101,4125	17,78632	26
	reconstituída	111,8790	22,12335	39
	Total	105,5628	16,93585	316

Quadro 22 - Estatísticas descritivas: componentes QV, Ciclo vital e Formas de família

etapa ciclo vital		FORMAS DE FAMÍLIA	Média	Desvio Padrão	N
Condições financeiras	casal sem filhos	nuclear intacta	22,9600	5,85577	25
		reconstituída	24,6667	7,21110	9
		Total	23,4118	6,17482	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	nuclear intacta	23,5223	4,22582	35
		pós-divórcio	16,5000	,57735	4
		reconstituída	28,8333	6,86007	12
		Total	24,2212	5,72127	51
	filhos idade escolar	nuclear intacta	23,0000	5,38052	41
		pós-divórcio	24,6667	5,78504	6
		reconstituída	21,5000	7,59699	8
		Total	22,9636	5,71536	55
	filhos adolescentes	nuclear intacta	23,9487	5,11422	39
		pós-divórcio	25,8000	7,42967	5
		reconstituída	21,5000	2,12132	2
		Total	24,0435	5,26606	46
	família lançadora	nuclear intacta	22,3553	5,74968	76
		pós-divórcio	22,5556	5,87603	9
		reconstituída	25,0000	3,31662	5
		Total	22,5222	5,64140	90
ninho vazio/reforma	nuclear intacta	24,1098	5,53948	35	
	pós-divórcio	23,5000	3,53553	2	
	reconstituída	10,2812		1	
	Total	23,7138	5,79337	38	
Total	nuclear intacta	23,1758	5,37266	251	
	pós-divórcio	22,8077	6,01345	26	
	reconstituída	25,0841	7,25906	39	
	Total	23,3810	5,70575	316	
Vida Quotidiana - tempo e lar	casal sem filhos	nuclear intacta	28,0400	5,02062	25
		reconstituída	30,4444	6,61648	9
		Total	28,6765	5,48674	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	nuclear intacta	28,0000	5,56248	35
		pós-divórcio	20,0000	2,30940	4
		reconstituída	31,5000	6,14225	12

		Total	28,1961	6,13847	51	
filhos escolar	idade nuclear	intacta	27,7561	4,82069	41	
		pós-divórcio	32,1667	8,37655	6	
		reconstituída	31,2500	8,41342	8	
		Total	28,7455	5,98832	55	
filhos adolescentes	nuclear	intacta	27,5641	5,62324	39	
		pós-divórcio	27,0000	8,21584	5	
		reconstituída	27,5000	7,77817	2	
		Total	27,5000	5,83762	46	
família lançadora	nuclear	intacta	27,3158	5,09957	76	
		pós-divórcio	28,3333	7,33144	9	
		reconstituída	28,4000	3,64692	5	
		Total	27,4778	5,24293	90	
ninho vazio/reforma	nuclear	intacta	31,3714	7,07558	35	
		pós-divórcio	30,0000	1,41421	2	
		reconstituída	21,0000		1	
		Total	31,0263	6,99609	38	
Total	nuclear	intacta	28,1594	5,61342	251	
		pós-divórcio	27,8077	7,59484	26	
		reconstituída	30,6923	6,75182	39	
		Total	28,4430	5,98410	316	
Vida Familiar - saúde, família e amigos	casal sem filhos	nuclear intacta	22,8400	3,47227	25	
		reconstituída	22,3333	4,30116	9	
		Total	22,7059	3,64758	34	
	filhos ou pré-escolar	pequenos nuclear	intacta	22,2000	3,20661	35
			pós-divórcio	27,0000	3,46410	4
			reconstituída	24,5000	3,70503	12
			Total	23,1176	3,60359	51
	filhos escolar	idade nuclear	intacta	21,8780	3,55102	41
			pós-divórcio	22,6209	2,67587	6
			reconstituída	20,8750	3,79614	8
			Total	21,8132	3,47530	55
	filhos adolescentes	nuclear	intacta	22,4615	3,16931	39
pós-divórcio			21,8000	3,11448	5	
reconstituída			18,5000	,70711	2	
Total			22,2174	3,16869	46	

	família lançadora	nuclear intacta	20,7614	3,44435	76
		pós-divórcio	18,2222	3,19287	9
		reconstituída	19,4000	2,07364	5
		Total	20,4318	3,42830	90
	ninho vazio/reforma	nuclear intacta	21,5675	4,03103	35
		pós-divórcio	18,0000	1,41421	2
		reconstituída	18,0000		1
		Total	21,2859	3,99202	38
	Total	nuclear intacta	21,7280	3,52126	251
		pós-divórcio	21,2587	4,20868	26
		reconstituída	22,2051	4,10506	39
		Total	21,7483	3,65039	316
Contextos Envolventes - comunitário, religioso e media	casal sem filhos	nuclear intacta	32,4400	4,53762	25
		reconstituída	34,4444	6,83943	9
		Total	32,9706	5,20772	34
	filhos pequenos ou pré-escolar	nuclear intacta	33,1714	4,16911	35
		pós-divórcio	19,5000	2,88675	4
		reconstituída	37,3333	9,25727	12
		Total	33,0784	7,09040	51
	filhos escolar	idade nuclear intacta	31,7317	5,18664	41
		pós-divórcio	34,6667	8,01665	6
		reconstituída	33,3750	9,07016	8
		Total	32,2909	6,13029	55
	filhos adolescentes	nuclear intacta	32,3846	6,14567	39
pós-divórcio		29,2000	5,63028	5	
reconstituída		29,5000	9,19239	2	
Total		31,9130	6,15296	46	
família lançadora	nuclear intacta	30,8158	5,50324	76	
	pós-divórcio	30,5556	4,36208	9	
	reconstituída	26,8000	4,02492	5	
	Total	30,5667	5,36751	90	
ninho vazio/reforma	nuclear intacta	32,6000	7,15871	35	
	pós-divórcio	30,5000	4,94975	2	
	reconstituída	28,0000		1	
	Total	32,3684	6,96486	38	
Total	nuclear intacta	31,9482	5,58223	251	

pós-divórcio	29,5385	6,99274	26
reconstituída	33,8974	8,20075	39
Total	31,9905	6,13783	316